

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

A C. R. B. em 1955

*Pe. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B.* ..... 1

O problema da adaptação da Vida Religiosa aos tempos modernos

*Frei Jerônimo V. Hintem, Ord. Carm.* ..... 11

Problemas da Pobreza Religiosa

*Frei Desidério Kalverkamp, OFM, Petrópolis* ..... 18

O Revdo Padre Silvano Maria Giraud, Missionário de N. S. da Salette

*Pe. Alberto Allamann, M. S.* ..... 29

Carta a uma Superiora

*Pe. Geraldo Fernandes C. M. F.* ..... 33

Eram uma vez umas vidraças...

*Por uma Filha da Caridade de S. Vicente de Paulo* ..... 34

Religiosos e Religiosas — Densidade e Distribuição no Brasil

*Pe. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B.* ..... 51

Trabalhando pelo Norte — Crônica dos Religiosos ..... 62

Sumario — Situação dos Religiosos no Brasil em 30-11-1955 ..... 64

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.



## A C. R. B. EM 1955

E' nosso dever informar, não somente aos demais membros da Diretoria e às Diretorias dos Departamentos e Serviços, sobre a situação atual da C. R. B., como ainda a todos os Superiores Maiores, e aos Religiosos e Religiosas em geral. Nossa organização completará, no dia 11 de Fevereiro próximo, o seu segundo ano de funcionamento. Patrimônio comum de tôdas as famílias religiosas presentes no Brasil, com os seus encargos e responsabilidades distribuidos a diversas Ordens e Congregações, é justo que todos saibam dos esforços realizados em comum, e conheçam os resultados alcançados. Com isto é nossa intenção, não somente acatar e valorizar devidamente a autoridade dos Superiores e Superiores cujo voto determinou a criação da Conferência e escolheu sua primeira Diretoria, como ainda assegurar a continuidade de trabalho da organização, acentuando o sentimento de responsabilidade comum nos planos traçados pelo I Congresso.

Não é completo nosso relatório. E por várias razões. Devendo encaminhar este número da Revista à Editora até o dia 1.º de dezembro último, os dados relativos aos serviços de viagens e de procuratórios se referem ao que se fez até 30 de novembro. A maior dificuldade que encontramos, porém, para a elaboração deste relatório, é a falta de um diário das atividades da C.R.B. Nem a sede central, nem os Departamentos, tiveram até agora a preocupação de registrar o trabalho que desenvolvem dia a dia. A C.R.B., através de um de seus Departamentos, se preocupa com a estatística da atividade dos religiosos, em todo o Brasil. Mas ainda não tem um cronista, que registre a sua própria atividade. Se nos perguntarem quantas cartas a C. R. B. expediu este ano, da sua sede central, ou quantas recebeu, não saberíamos dizer com exatidão. Preocupados em res-

pondê-las e solucionar os casos que apresentavam, não nos sobrou tempo para contá-las. Dados exatos só temos daquelas atividades que por sua própria natureza devem ser anotadas, como as viagens e os processos trabalhados nos Ministérios do Governo Federal.

## DISTRIBUIÇÃO DE RESPONSABILIDADES

Fiel aos princípios que orientam tôda a sua atividade, a C.R.B. distribuiu os Departamentos e Serviços por várias casas religiosas do Rio de Janeiro, sempre de congregações diversas. Na Diretoria, estão representadas oito famílias religiosas: Beneditinos, Salesianos, Maristas, Jesuítas, Capuchinhos, Claretianos, Missionárias de Jesus Crucificado e União Romana de Santa Ursula. Fizeram-se, em 1955, 10 reuniões, ou seja, todos os meses, com exceção de outubro, em virtude da ausência do Secretário Geral, em viagem à Europa. Nos Departamentos e Serviços, encontramos as Filhas do Coração de Maria, as Irmãs dos Santos Anjos, as Irmãs de Notre Dame, e as Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo. O Serviço de Viagens tem a superintender suas atividades um Conselho Administrativo, presidido pelo provincial dos Padres do Espírito Santo, auxiliado pelos superiores locais dos Padres Assuncionistas, Franciscanos e dos Sagrados Corações. Ao encerrar êste relatório, são portanto 16 famílias religiosas diversas, entre as quais se distribuíram os encargos e responsabilidades dos vários setores da Conferência.

## PESSOAL EM ATIVIDADE

Com a preocupação de garantir continuidade aos trabalhos da organização, independentemente da pessoa do religioso que eventualmente os dirige, e que entretanto pode ser removido para atender aos interesses da sua congregação, a Conferência se encontra atualmente com três quadros bem distintos de pessoal. O primeiro dêles, os religiosos e religiosas que compõem a Diretoria, e que deverão ser renovados, de acôrdo com os estatutos, cada três anos. Em segundo lugar, os religiosos, não superiores, que trabalham na sede da Conferência ou nos seus Departamentos e Serviços. Por último, o quadro numeroso do pessoal leigo que colabora conosco, desempenhando funções bem definidas, mediante contrato, e devidamente remunerado.

Na sede da Conferência trabalham 4 Religiosos, dos quais 3 são sacerdotes e 1 é Irmão leigo, coadiuvados por 12 leigos. Nos Departamentos trabalham 5 Religiosos, 16 Religiosas e 7 auxiliares leigas. Portanto,

em resumo, o quadro de pessoal da C. R. B. na ativa, incluindo-se a Diretoria, consta de 28 entre Religiosos e Religiosas e 19 leigos. São 47 pessoas, das quais 26 dedicam todo o tempo à Conferência, 10 dedicam a maior parte e 11 trabalham ocasionalmente.

## DEPARTAMENTO JURÍDICO

Trabalhou durante todo o ano. Inúmeros contratos para aceitação de obras por administração, escrituras públicas de compra e venda de imóveis, organização jurídica civil de casas religiosas, províncias ou congregações, alguns casos de legislação trabalhista, e o grande volume de trabalho de advocacia administrativa promovida pela Conferência em benefícios dos seus membros.

## DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

Está com seu equipamento completo, e possui um conjunto de fichários e arquivos que nos permitem qualquer informação relativa ao número, localização, e atividade dos religiosos em todo o Brasil. Quantos somos, onde estamos, e o que fazemos : são as perguntas fundamentais para qualquer atividade de organização, e que o Departamento conseguiu responder com segurança. Demonstração de seu funcionamento regular, foi a publicação do Anuário dos Religiosos do Brasil, primeiro no gênero, que se conhece. O valor prático, concreto, dos trabalhos realizados, se pode medir pelos estudos já publicados, e pela possibilidade que tivemos, com os dados da estatística, de realizar a distribuição dos auxílios dos Bispos Norte-Americanos, confiada em Agosto à C.R.B., como ainda pelo desenvolvimento do Serviço de Viagens, todo baseado nos dados fornecidos pelo Departamento. A Conferência está em condições de se pôr em contato com tôdas as comunidades religiosas, do Rio de Janeiro até os recantos mais afastados das missões da Amazônia ou das fronteiras do Sul. Mantemos, em caráter permanente, uma rede de agentes, que cobre tôdas as dioceses e províncias eclesiásticas do Brasil. O Departamento trabalhou ativamente na preparação dos gráficos e estudos apresentados na Conferência dos Prelados Latino-Americanos, realizada no Rio logo após o XXXVI C. E. I. Tanto para a Secretaria de Estado, de S. Santidade, no Vaticano, como para a Sagrada Congregação dos Religiosos, o Departamento enviou um album, com a coleção completa dos gráficos e estudos, desde os que foram apresentados no I Congresso dos Religiosos até os da Conferência Latino-

Americana. A Secção de Cartografia do Departamento trabalha habitualmente para a Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro.

## DEPARTAMENTO DE CATECISMO

Sua principal realização neste ano foi a Exposição Catequética do XXXVI C.E.I. Já a comentamos, numa das crônicas de nossa Revista. Continuam os cursos de preparação para catequistas, no Instituto Santa Ursula e no Colégio Santos Anjos. Em Salvador, o Departamento realizou um belo trabalho durante a Primeira Semana de Estudos. Continua de maneira sistemática o intercâmbio com as livrarias e editoras de material catequético. O trabalho iniciado no ano de 1954, inovando em parte o método e a preocupação das religiosas, para não irem elas mesmas dar catecismo às crianças, mas preocuparem-se sobretudo em multiplicar-se através da formação de suas alunas maiores como catequistas, continua com persistência.

## DEPARTAMENTO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Contando com duas religiosas, para suas atividades, e uma auxiliar leiga, pôde o Departamento neste ano avançar em vários pontos de seu programa. Desenvolveu regularmente a série projetada de conferências, todos os meses, de maneira a constituir, no conjunto, um curso de atualização para as religiosas dedicadas a atividades assistenciais. O curso extraordinário de serviço social, no Distrito Federal, contou com a frequência assídua de mais de 40 religiosas. Um trabalho regular foi feito junto a tôdas as obras de menores no Distrito Federal. No mês de outubro, a Diretora do Departamento visitou as Escolas de Serviço Social e as obras sociais das Religiosas de São Luiz do Maranhão, Fortaleza, João Pessoa e Aracaju. Em tôdas estas localidades promoveu cursos e deixou organizada uma seccão regional do Departamento. Em destaque, neste mesmo número da Revista, relatamos esta iniciativa, recebida por tôdas as comunidades com tanto apreço. No setor de reconhecimento, por parte do Ministério da Educação e Cultura, das escolas de Serviço Social filiadas, o Departamento já pôde levar a têrmo o processo de várias delas, estando outras em fase final. Quem conhece as dificuldades inerentes a um processo desta natureza, depois de ter promovido as práticas para autorização ou reconhecimento de uma escola superior, segundo as normas em vigor atualmente, pode aquilatar o que não representa, de esforço e perseverança, a empreitada realizada pelo Departamento. A reunião das Diretoras de Escolas, dirigidas por religiosas, se fêz regular-

mente, em julho. O departamento tomou ainda tôdas as providências ao seu alcance, para que as Escolas de Serviço Social, como as demais escolas superiores, pudessem gozar de subvenções federais para o próximo exercício financeiro de 1956. Pleno êxito neste trabalho, realizado em articulação com as demais fôrças que atuavam com o mesmo objetivo na Câmara dos Deputados.

## DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE

E' o mais novo dos Departamentos organizados pela C.R.B. Principiou suas atividades depois do Congresso Eucarístico, instalando-se à rua Santa Amélia, 102, no Distrito Federal, confiado às Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Dois problemas logo deparou : o projeto de lei, em andamento na Câmara dos Deputados, prorrogando por mais alguns anos a situação transitória em que se encontram atualmente as escolas de enfermagem, no tocante às condições para admissão aos exames vestibulares, bem como outro projeto, igualmente em curso, reestruturando o ensino de enfermagem no país. Neste, como em outros campos, ideais em si ótimos e de todo louváveis, são propostos para uma realidade brasileira que ainda não se equipara à de outros países, com milênios de civilização e grande densidade de população, o que naturalmente traz como consequência a possibilidade de especializações muito acentuadas. O Departamento tem orientado as escolas de enfermagem de religiosas, bem como os hospitais, no sentido de se tender incessantemente aos mais elevados ideais, mas sem esquecer as contingências do ambiente em que nos encontramos no Brasil. Uma dificuldade desde logo encontrada foi a falta de dados concretos e positivos sôbre a situação das escolas de enfermagem e dos hospitais. Sem um inquérito consciencioso, julgamos ousado avançar qualquer afirmação sôbre a qualidade e a quantidade da assistência dispensada por estas entidades. De onde a primeira preocupação do Departamento, a de realizar um levantamento completo, dos hospitais e escolas de enfermagem, que já está em curso.

## DEPARTAMENTO DE MISSÕES POPULARES

Está em organização, devendo entrar em atividade ainda em 1956, antes do II Congresso dos Religiosos. Seu objetivo é o de prestar assistência às famílias religiosas dedicadas a êste apostolado, realizando em comum o que é desejo de todos, mas ultrapassa os poderes de cada um isoladamente. Neste setor, os missionários zelosos e experimentados reconhecem que há muito que fazer entre nós. Uma programação e execução sistemática, racional, dos labores missionários, se impõe. Sem falarmos nos métodos próprios

mente apostólicos da missão, e no equipamento necessário, começando pelas viaturas e aparelhamento técnico de que ainda não dispomos. Quem pôde apreciar na Europa o trabalho dos centros missionários, e a grande obra missionária realizada em benefício dos prófugos da zona comunista, na Alemanha, não pode senão desejar vivamente que iguais métodos se apliquem, devidamente adaptados, quanto antes, ao nosso meio, para se alcançarem os mesmos resultados.

## OS SERVIÇOS

Ao lado dos Departamentos, funcionaram regularmente os Serviços da Conferência. Primeiro deles, pelo volume de trabalho, e pelo número de funcionários que absorve, encontra-se o Serviço de Procuratórios junto aos Ministérios do Governo Federal. Durante todo o ano recebemos processos novos, entidades que pela primeira vez nos procuravam para que cuidássemos de seus interesses no Rio de Janeiro. O pessoal de serviço, neste setor, duplicou-se a partir do Congresso Eucarístico Internacional. A este setor a Diretoria da Conferência presta uma atenção particular, supervisionando de perto os trabalhos, dada a sua importância para as comunidades, e as responsabilidades de justiça que importam para a C. R. B. Chegamos ao fim do ano podendo afirmar, depois de cuidadoso exame das fichas relativas aos casos confiados ao Serviço, que nenhum processo se atrasou por nossa responsabilidade. Pudemos, com a graça de Deus, e o esforço dedicado dos auxiliares, que trabalham com verdadeira abnegação, manter um serviço exato, pontual, solícito, num ritmo racional de atividades organizadas em série. Alguns dados numéricos nos farão apreciar devidamente a extensão alcançada por este setor. Cuidamos de 17 processos junto ao Ministério da Agricultura; 192 no Ministério da Justiça; 158 no Ministério da Saúde; 1.287 no Ministério da Educação e Cultura. A representação de 83 instituições junto ao Serviço de Assistência a Menores, nos levou, dentro da praxe adotada por este Serviço, a ter de cuidar de mais de 1.000 processos, que transitavam pelo SAM, pela Divisão de Orçamento do Ministério da Justiça, e pelo Ministério da Fazenda. Não estamos com nenhuma mensalidade atrasada por receber, para estes educandários articulados com o nosso Serviço. A Diretoria está satisfeita com o andamento dos trabalhos, e deixa neste relatório uma palavra de aplauso e gratidão ao Irmão Domingos Marcial, Marista, e com êle ao grupo dos funcionários leigos, na pessoa do Diretor do Serviço, Sr. Laércio Leopoldino, e dos dois funcionários mais antigos, que já trabalhavam para as comunidades religiosas mesmo antes da criação da Confe-

rência, Srs. Antonio Silvério e Manuel Rabelo Sampaio. Em todos os números da Revista publicamos informações e instruções, cuja observância contribuirá para a boa marcha deste Serviço. Enquanto agradecemos a todas as entidades que atendem com solicitude aos nossos pedidos de remessa dos documentos necessários aos processos, fazemos um voto para aquelas outras, cujos superiores, demasiado ocupados, nem sempre nos podem atender com igual presteza, e é que, fazendo-se ajudar por outros, possam afinal dar andamento normal a estes casos, que são parcela não pequena de suas responsabilidades no govêrno de seus institutos. Uma entrosagem perfeita entre a Instituição e o Serviço, só pode redundar em benefício do apostolado que os religiosos exercem. E êste é o nosso objetivo, proporcionar, enquanto está ao nosso alcance, maior eficiência aos ministérios que desenvolvemos.

Em segundo lugar, na ordem de volume de trabalho que trouxe à C. R. B., — o que evidentemente demonstra sua necessidade e a aceitação que encontrou por parte dos Religiosos — está o Serviço de Viagens. Como nos demais campos, unindo nossas forças, para alcançar as vantagens que naturalmente advêm da união de esforços, proporcionando assistência completa ao religioso que viaja, o Serviço alcançou outros resultados que não simples vantagens materiais, enquanto proporcionou inúmeras ocasiões para os religiosos se ajudarem mutuamente — V. Revcia. vai para tal cidade? Leve por obséquio esta encomenda aos meus irmãos de congregação, que lá se encontram em tal casa; faça-lhes uma visita — V. Revcia. encontrará em tal cidade uma casa de sua Congregação? Se não, fique hospedado em tal enderêço, e leve êste meu cartão de apresentação para a Superiora, que muito bem conheço — Em suma, o Serviço de Viagens, articulando os Religiosos, proporciona-lhes inúmeras oportunidades de estreitarem os laços de caridade fraterna que nos congregou em Cristo. O escritor impio que escreveu dos religiosos que se uniam sem se conhecerem, viviam sem se amarem, e morriam sem se chorarem, deveria passar um dia apenas na Conferência dos Religiosos do Brasil, para ver quão profundamente falsa e mentirosa é a sua afirmação. Não se limitou pois o Serviço, como aliás não se limita nenhuma atividade da C. R. B., a um plano meramente administrativo ou material. Mas realizou, concretamente, muitas vezes, o lema do Congresso dos Religiosos, Congregavit nos in unum Christi amor. Criado nos primeiros dias de Março, o Serviço encaminhou 69 viagens marítimas, e 75 viagens aéreas para o exterior, e 609 viagens aéreas domésticas. Ou seja, prestou assistência a 753 religiosos que viajaram. Nosso Serviço já está articulado com organizações semelhantes de outros países, como a RAPTIM, de Roma, da Alemanha, Holanda, França, Espanha. Estamos estudando a possibili-

dade de integrá-lo nesta organização, confiando-o a um Conselho de Superiores Provinciais, para alcançarmos as vantagens que nos podem advir desta colaboração em plano internacional, evitando ao mesmo tempo os inconvenientes que se lamentaram em outros tempos. Oportunamente voltaremos ao assunto, informando aos Superiores das Províncias e das Casas religiosas sôbre o que se tiver deliberado in Domino.

Em primeiro lugar, na ordem dos valores, colocam-se os Serviços de Assistência Espiritual as Religiosas, e o Serviço de Novas Fundações e Novas Obras. Não temos estatística, nem diário, que nos possa socorrer para informar o número de casos tratados. Podemos afirmar, entretanto, que foram muitos, pois ocuparam estes dois serviços, quase que habitualmente, o Secretário Geral da Conferência, desde a sua criação. Apreciáveis resultados se alcançaram, como as fundações de religiosos e religiosas em Volta Redonda, em Belo Horizonte, e em outras localidades menores. Em matéria de assistência espiritual, está se difundindo sempre mais o recurso à autorização para binar diariamente, a fim de proporcionar a santa missa às comunidades de irmãs. Os pedidos devidamente recomendados pela autoridade diocesana local, devem ser encaminhados à Sagrada Congregação dos Religiosos, que os despacha com solicitude.

Para o bom andamento destes serviços, particularmente os dois primeiros, da séde central da C. R. B. se expediram, êste ano, cêrca de 45.000, entre cartas e circulares, tomando como base para nossa estimativa o quanto se gastou em selos postais, e a média diária de cartas que mandamos ao correio.

## CONTRIBUIÇÕES E FINANCIAMENTO

E' natural a curiosidade de saber de onde vêm à Conferência os recursos para seus empreendimentos, onde procura o numerário para pagamento de todo o pessoal que mantem a seu serviço, religiosos ou não. Poderia a C. R. B. repetir com São Paulo, que a ninguém tem sido de peso, e que providencia com suas próprias mãos, ou seja, com seu próprio trabalho, o necessário para a manutenção de suas atividades. O financiamento da C. R. B., como se afirmou no primeiro Congresso, não se alcerça na contribuição das casas, se bem que esta seja indispensável. Mas repousa sôbre as taxas módicas estabelecidas para os vários serviços que oferece às comunidades religiosas. Em 1955, até o momento em que encerramos a edição dêste número, recebemos a contribuição de 2.200 casas, na importância total de Cr\$ 231.200,00. Com êste numerário, temos mantido as

despesas que redundam em benefícios comuns, sem que se possam entretanto debitar a ninguém individualmente. Como nem tôda a comunidade religiosa é direta e imediatamente beneficiada pela Conferência, não é razoável que sôbre todas, indistintamente, recaiam taxas relevantes. Por isto mesmo a contribuição anual foi reduzida ao mínimo possível, quando se estabeleceram, no Congresso dos Religiosos, os planos de financiamento. Cada qual paga pelo trabalho que foi feito em seu benefício, e que representou, para sua instituição, vantagem econômica concreta. Bem poucas práticas de êxito negativo tivemos nêste ano. Processo junto aos Ministérios, nenhum. Mas por nenhuma daquelas práticas a C. R. B. enviou conta à comunidade. Pelo contrário, apreciável é a parcela de processos concluídos, cujas taxas foram transferidas, em nossa contabilidade, para a conta de serviços gratuitos, a pedido das instituições.

A Conferência espera continuar merecendo a confiança das comunidades religiosas, e sua preferência para os serviços organizados que estão funcionando, particularmente o de viagens e o de procuratórios. E com grande satisfação e reconhecimento receberemos as observações que nos ajudarem a melhorá-los sempre mais.

## OUTRAS ATIVIDADES

Deixamos de referir, nêste relatório, outras atividades sôbre as quais já informamos aos religiosos em algum número da Revista, como sejam: a primeira semana regional de estudos em Salvador com a criação da Secção Baía - Sergipe; a homenagem ao Sr. Nuncio Apostólico, S. Excia. Revma. o Sr. Dom Armando Lombardi; o curso de estatística, realizado em janeiro e fevereiro de 1955; participação aos trabalhos do 36.º Congresso Eucarístico Internacional; a distribuição de auxílios da Conferência dos Bispos da América do Norte, para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, confiada por S. Excia. Revma. o Sr. Dom Helder Câmara à Conferência dos Religiosos; cursos para formação de catequistas; e o intercâmbio com as organizações de religiosos da Europa, por ocasião da viagem do Secretário Geral da C. R. B. à Itália, Alemanha e França.

## SITUAÇÃO ATUAL DOS RELIGIOSOS NO BRASIL

Antes de se ter trabalhado neste campo de estatística dos religiosos, pode-se ter a impressão de que sejam as obras religiosas estáveis e imóveis. Pouco tempo de contacto assíduo com a matéria, desfaz logo esta impressão.

Nada há mais vivo do que as obras religiosas. Casas que se abrem, outras que se fecham; as que se mudam para outro enderêço; o aumento contínuo de religiosos. Assim é que, por ocasião do I Congresso dos Religiosos, apresentamos os dados que pudemos averiguar até aquela data. Imperfeitos, por razão da imperfeição do trabalho, em fase experimental, e da deficiência das informações. Muito mais completos e perfeitos vieram estes dados às páginas do ANUARIO. Hoje, ao encerrar êste relatório, podemos apresentar um SUMARIO, mais atualizado ainda que o do Anuário. A situação atual dos Religiosos, no Brasil, é a que se encontra em sumário, noutra página dêste número. Tivemos conhecimento, como referimos também em outra parte, de cêrca de 80 novas fundações, de religiosos e religiosas, e de três novas famílias religiosas que se estabeleceram no Brasil, nêste ano que findou.

## C O N C L U S Ã O

Non nobis, Domine, sed nomini tuo da gloriam. Todo e louvor e glória a Deus todo poderoso, de bondade infinita, velando pela conservação da fé e dilatação da Igreja em nossa Pátria. O ano do Congresso Eucarístico Internacional consolidou visivelmente a Conferência dos Religiosos. Que estes frutos perdurem, duradouros, para alcançar, no II Congresso dos Religiosos, em São Paulo, de 16 a 21 de Julho de 1956, uma etapa ainda mais elevada, no caminho que encetamos rumo à atualização e organização.

Pe. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B.  
Secretário Geral



A Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil, bem como os Departamentos e Serviços, agradecem os cumprimentos e votos de boas festas de Natal e Ano Bom, que nos chegaram de todos os recantos, numa demonstração de verdadeiro espírito de família e solidariedade que reina em tôda a extensa rêde da organização dos Religiosos. E retribuimos, desejando a todas as comunidades as melhores bençãos divinas para o novo ano que principia cheio de esperanças de postolado. Não ignorando nem pretendendo esconder as nuvens espessas que se acumulam no horizonte de nossa Pátria, renunciando dificuldades e tropeços em nossos caminhos, olhamos confiantes para o futuro, esperando em Deus, e não nos homens. "Beatus populus cuius Deus est Dominus".

## O PROBLEMA DA ADAPTAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA AOS TEMPOS MODERNOS

Frei Jeronimo V. Hintem, Ord. Carm.

### I.

A primeira lembrança que se deve ter em mente nesta matéria é que não basta ficarmos nos princípios mais genéricos e evidentes. Todos nós sabemos que o ideal religioso, tal qual a Igreja o vem definindo através dos séculos e o vem realizando através das múltiplas famílias religiosas, não é senão a realização da perfeição evangélica. Sabemos também que em virtude da infalibilidade da Igreja a perfeição evangélica será sempre ensinada e praticada segundo os mesmos princípios essenciais na Igreja Católica. Daí decorre com tóda a clareza que há um elemento imutável instituído pelo próprio Salvador, elemento êste que nunca poderá ser abolido ou modificado pelas injunções do espírito moderno.

E' inteiramente evidente de outro lado, que nesta matéria, mais talvez do que em muitos outros campos do Direito Canônico, os elementos contingentes, mutáveis e accessórios são numerosos. Com efeito, o ideal de perfeição, por sua própria natureza, consiste em princípios a serem realizados pelos homens em condições de vida muito diferentes, que variam de acôrdo com os séculos, de acôrdo com os lugares, de acôrdo com os modos de sentir, de pensar e de viver dos vários povos.

Podemos dizer que o ideal de perfeição se realiza de modo diverso em cada homem. Se de um lado nada é mais parecido com um santo do que outro santo, de outro lado também é verdade que nada é mais diferente de um santo de que outro santo. Assim também se poderia dizer que a idéia de santidade historicamente dentro da Igreja, não tem deixado de se adaptar

às condições de cada época, embora na sua essência continue sempre a mesma.

Sabemos que a Igreja tomou êste fato na maior consideração ao elaborar tôda a legislação relativa ao estado religioso, legislação esta que precisamente por tal fato tem sofrido importantes modificações no decorrer dos séculos. Nada impede, pois, em princípio, que diante das mutações tão profundas e tão vivas, algumas delas mesmo tão bruscas e inesperadas, das condições de vida de nossos dias, o estado religioso tenha a necessidade de se adaptar às circunstâncias da vida hodierna, e que, em consequência, tôda a legislação eclesiástica, constituída lentamente atravez dos séculos, deva sofrer, ela também, uma adaptação às condições de existência atuais.

Mas entre êsses dois limites extremos : aquilo que é absolutamente mutável e aquilo que é absolutamente imutável, devemos considerar uma zona intermediária. Seria, a nosso ver, simplificar exageradamente a questão, afirmar pura e simplesmente que tudo aquilo que não é de instituição divina pode e deve ser mudado despreocupadamente e quase diríamos arbitrariamente. Há, com efeito, na vida religiosa tôda uma zona de fatos, de costumes e leis, que não podem ser arbitrariamente modificados pela legislação canônica, como veremos daqui a pouco.

Estas considerações tomarão melhor vulto se nos reportarmos ao discurso do Santo Padre Pio XII a respeito da Tradição, pronunciado no dia 19 de janeiro de 1944.

Como sabemos, no pontificado de Pio XII o problema do progresso e da tradição se tem posto com uma acuidade tôda particular. Em muitas de suas encíclicas o Papa gloriosamente reinante cogita dessa questão. Consta também que Sua Santidade tem a preocupação de promover um ajustamento exato do estado religioso às condições de vida contemporâneas, sem quebra das legítimas tradições. Parece-nos que é de importância capital conhecer com tôda a precisão, o pensamento do Santo Padre a respeito de tradição e progresso. Em nenhum documento, melhor do que neste que acabamos de mencionar, tal pensamento vem expresso.

Passamos a citar as próprias palavras do Sumo Pontifice :

“Muitas pessoas, posto que sinceras, imaginam e crêem que a tradição não seja outra coisa senão a recordação, o pálido vestígio de um passado que não existe mais, que não pode mais renascer e que, na melhor das hipóteses, é relegado com veneração e reconhecimento, em um museu que poucos especialistas e amigos visitam. Si nisto consistisse, e a isto se reduzisse a tradição, e si ela importasse na rejeição e menosprêzo do futuro,

ter-se-ia motivo de lhe recusar honra e respeito, e deveriam ser considerados com compaixão os sonhadores do passado, retardatários perante o presente e o futuro, e com maior severidade os que, movidos por intenções menos respeitáveis e puras, outra coisa não são do que desertores de um momento histórico tão cheio de lutas quanto o nosso.

“Mas a tradição é coisa muito diversa do simples acatamento a um passado já morto : é precisamente o contrário de uma reação hostil a todo o progresso. A própria palavra tradição, etimologicamente, é sinônimo de caminho e de progresso. Sinonímia, porém não identidade. Enquanto, com efeito, o progresso indica somente o caminhar para frente, passo a passo, procurando com o olhar um futuro incerto; a tradição diz preferivelmente um caminho para frente, mas um caminho contínuo, que se desenvolve tranquilo e a um tempo vivaz, segundo as leis da vida, e vencendo a angustiosa alternativa : “*si jeunesse savait, si vieillesse pouvait*”; semelhante àquele Senhor de Turenne, de quem foi dito : “Teve em sua juventude toda a prudência de uma idade avançada, na idade avançada, todo o vigor da juventude”. (Fléchier, Oraison funébre, 1676). Por força da tradição a juventude, iluminada e guiada pela experiência dos anciãos, progride com passo seguro, e a velhice transmite e entrega, confiante, o arado a mãos mais vigorosas, que continuam o sulco já iniciado. Como indica com seu nome, a tradição é o dom que passa de geração em geração, a chama que o corredor, em cada permuta, põe nas mãos de outro corredor, sem que a carreira se detenha ou se torne mais lenta. Tradição e progresso reciprocamente se integram com tanta harmonia, que uma tradição sem progresso seria uma contradição, e um progresso sem tradição seria uma empresa temerária, um salto no escuro.

“Não se trata de remontar a corrente, de voltar a formas de vida e de ação de tempos já transcorridos; trata-se de reter e continuar o que o passado tem de melhor, de caminhar de encontro ao futuro com o vigor de uma inalterada juventude.

“Enquanto se tem propriamente em vista ajudar o verdadeiro progresso para um mais são e feliz porvir, seria uma injustiça e uma ingrati-dão recriminar-nos e imputar-nos como uma deshonra, o culto do passado, o estudo de sua história, o amor dos santos costumes, a fidelidade inamovível aos princípios eternos. Os exemplos gloriosos ou infaustos daqueles que precederam os tempos presentes, são uma lição e uma luz de vossos passos. E com razão já foi dito que os ensinamentos da história fazem da humanidade um homem que caminha sempre e nunca envelhece.

“Viveis na sociedade moderna, não como emigrados em país estrangeiro, mas como beneméritos e insignes cidadãos, que entendem e querem trabalhar com seus contemporâneos a fim de preparar o saneamento, a restauração e o progresso do mundo.

“Há males da sociedade como há males dos indivíduos. Foi um grande acontecimento na história da medicina, que um dia o célebre Laennec, homem de gênio e de fé, curvado ansiosamente sobre o peito dos doentes, armado do estetoscópio por êle inventado, os auscultou, distinguindo e interpretando os mais leves sopros, os fenômenos acústicos apenas perceptíveis, dos pulmões e do coração. Não é então uma função social de primeira ordem e de alto interêsse penetrar no meio do povo, e auscultar as respirações e o mal estar dos contemporâneos, sentir e discernir o pulsar de seus corações, procurar remédio para os males comuns, tocar delicadamente as suas chagas a fim de as curar, e os salvar da infecção que pode sobrevir por falta de cuidado, evitando de as irritar por um contato demasiadamente rude? Compreender, amar na caridade de Cristo o povo de vosso tempo, provar com fatos essa compreensão e êsse amor: eis a arte de fazer aquele maior bem que vos compete realizar, não somente diretamente aos que estão ao redor de vós, mas numa esfera quase ilimitada, empregando vossa experiência em benefício de todos. E' nesta matéria que esplêndidas lições dão tantos espíritos nobres, ardentes, e alacremenente prontos a difundir e a suscitar uma ordem social cristã”.

Essas palavras de tal maneira se ajustam a muitos dos problemas atuais do estado religioso, que se diriam especialmente dirigidas a nós. Dirigiu-as na realidade o Santo Padre a outra classe de ouvintes, que também têm atraz de si um longo passado, que também provêm de famílias multisseculares, famílias constituídas embora pelo sangue, e não pelos vínculos do espírito que nos unem a nossas respectivas Ordens ou Congregações. Com efeito, as palavras que acabamos de citar foram dirigidas pelo Santo Padre ao patriciado e à nobreza de Roma.

Essas iluminadas palavras tratam genêricamente do problema da tradição e do progresso. Êsse problema entretanto, se conjuga intimamente, ou até se identifica, com os da relação entre o estado religioso e a vida de nossos dias. Pois se de um lado o estado religioso representa a tradição carregada dos ensinamentos, dos precedentes, e das praxes do passado, de outro lado o mundo dos nossos dias representa o progresso, ou pelo menos representa a mudança. Tendo em vista de um lado um ideal fixo e um conjunto de situações sólidamente construídas em função dêsse ideal fixo

vontade de Deus. A condição de súdito e de superior supõe uma verdadeira desigualdade, e esta desigualdade, cuja aceitação é conforme com a natureza humana e intrínseca ao ideal da perfeição cristã, se exprime nos costumes das várias famílias religiosas por meio de praxes diversas. Assim, na Ordem do Carmo, que menciono por ser a família à qual pertenço, na Ordem do Carmo, segundo a praxe os súditos se ajoelham diante do Superior e lhe pedem a bênção antes de sair de casa e quando voltam. Quantos costumes dêste gênero, ou diversos, mas inspirados todos nos mesmos princípios, poderiam ser apontados nas várias famílias religiosas. Haveria aqui lugar para um estudo comparativo dos mais expressivos e interessantes. Considerando de um lado esses hábitos tão frequentes e tão edificantes das famílias religiosas, e considerando de outro lado a sociedade civil, vemos que outrora, no século XVIII digamos, ou antes ainda, praxes análogas a êsses existiam na sociedade civil para exprimir a subordinação dos inferiores aos seus superiores. Essas praxes, com a democratização crescente da vida civil, foram sendo supressas. Estabeleceu-se, portanto uma diversificação entre a vida religiosa e a vida civil. A vida religiosa fiel sempre ao seu pensamento de hierarquia e à prática da humildade, a vida civil, pelo contrário, caminhando por veredas diversas, de sorte que, para uma pessoa habituada exclusivamente à vida civil contemporânea pode parecer surpreendente que os religiosos sigam praxes de tal maneira dissonantes dos costumes hodiernos. E' o caso de se perguntar concretamente se a adaptação do estado religioso a nossos dias importa na revogação dêsses costumes. A resposta parece que se deveria dar exatamente nos termos da distinção apontada : se quiséssemos conformar-nos a êste século, sem dúvida. Se quisermos nos adaptar a êste século, de modo nenhum.

Com efeito, para que nós nos tornemos aptos a evangelizar êste século, a nossa obrigação consiste em edificá-lo com as nossas virtudes. E sendo a virtude da obediência uma virtude evangélica, pois é a perfeição da humildade ensinada pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, não pode deixar de instruir e edificar os fieis, ver em forma sensível a inteira sujeição com que o bom religioso se submete à autoridade legítima de seu superior.

O exemplo apontado faria sorrir. Com efeito, é êle extremamente exíguo tomado como caso concreto. Mas o que queremos considerar é muito mais do que o fato concreto. E' todo um corpo de praxes e de costumes, é tôda uma atmosfera da vida religiosa que sem dúvida nenhuma é diversa hoje em dia da atmosfera civil. Não se trata apenas de saber se êste pequeno hábito de uma determinada família religiosa deve ou não deve ser mudado. O problema a considerar é muito mais fundo. E' tôda a ambientação da vida

e de outro lado o mundo moderno, movel, instável, e caminhando para novas modificações a procurar uma adequação daquele a êste, é bem colocar-se dentro do problema da tradição e do progresso. Ora, o que antes de tudo o Santo Padre nos ensina é a distinção entre movimento e progresso. E' progresso o movimento que se dá na linha da tradição. E' progresso o movimento que continua a tradição, atualizando o passado, mas dentro do pensamento com que êste foi construído, atualizando o passado realmente mas sempre na linha de uma melhora, nunca na linha de uma modificação desnecessária, feita com o simples intuito de mudar, ou o que seria mais triste, na linha de uma decadência, de uma modificação para pior.

De outro lado o Santo Padre nos mostra bem que a tradição é o desenvolvimento orgânico da sociedade e das instituições. Ela não é uma marcha arbitrária, mas decorre das próprias condições de vida do passado, ela é um desenvolvimento harmônico, e por isso mesmo, qualquer adaptação aos tempos presentes não pode ser feita arbitrariamente com a mera e simples preocupação de agradar ao homem de hoje, mas tem que ser feita antes com o máximo cuidado, tendo em vista: 1) o imutável ideal religioso de perfeição evangélica; 2) o passado do qual viemos, com suas praxes, normas e tradições vivas; 3) as condições de vida atual da sociedade civil. Das condições de vida atual, sim, mas consideradas de tal maneira, que tenhamos diante de nós a preocupação, não simplesmente de agradar ao mundo contemporâneo, mas de lhe fazer bem.

### III.

Aqui se impõe uma distinção entre "adaptação" e "conformidade". O estado religioso não se deve conformar com êste século, mas deve adaptar-se ao século. O "nolite conformari huic saeculo" de São Paulo tem hoje tôda a sua atualidade. Conformar-se é "tomar a forma de," é "tornar-se igual a". Conformar-se, por exemplo, com o ambiente o sal que perde a sua fôrça. Conformar-se com as trevas a luz que deixa de brilhar. Conformar-se com o mal o sacerdote que não o quer combater. Adaptar-se é coisa inteiramente diversa. E' "tornar-se apto para". Adaptar-se é servir, é ser útil, adaptar-se é muitas vêzes aceitar, adaptar-se é muitas outrs vêzes também lutar. Aceitar aquilo que, sem quebra da tradição e dos princípios fôr aceitável; lutar contra aquilo que imponha uma queda dos princípios ou uma quebra de uma tradição sadia e viva.

Exemplifiquemos. Sabemos todos que a obediência é a subordinação da vontade de uma pessoa à de seu legítimo superior, na qual vê a própria

religiosa. E' t'oda a transparência da obediência nos costumes da vida religiosa que deve ser considerada. Falamos da obediência, mas poderíamos igualmente falar da pobreza ou da castidade. E a nós nos parece que é necessário o maior cuidado na consideração de t'odas as praxes, de t'odas as situações concretas que o passado acumulou até nossos dias. Uma ou outra será quiçá mutável, mas em princípio a maior circunspecção se impõe sob pena de destruímos, sem maior discernimento, aquilo que é louvável e que representa a verdadeira tradição e aquilo que representa apenas a rotina, e que pode ser sacrificado sem prejuizo da própria vida religiosa.

## V.

Resumindo nosso pensamento, julgamos essencial :

- 1) Ter em consideração a distinção claramente estabelecida entre os "elementos essenciais imutáveis" e os "elementos acessórios" cuja "atualização" constitue um dos aspectos importantes da atividade dos Religiosos de hoje.
- 2) Entre os "elementos acessórios" distinguir aqueles que são decorrências lógicas da doutrina imutável da Igreja, adaptáveis, mesmo em seus elementos contingentes, a todos os tempos e lugares, e consagrados por uma continuidade histórica longa, gloriosa e fecunda, de elementos acessórios que se relacionam única e exclusivamente com aspetos contingentes e circunstanciais de um tempo e de um lugar, e que eventualmente tenham perdido sua razão de ser.
- 3) Entre êstes últimos elementos adoptar como critério seletivo não o que é parecido ou diferente de nossos tempos, nem o que agrada ou desagrada a nossos contemporâneos, mas unicamente o que pode ou não pode fazer-lhes bem. E' no que se funda a distinção entre conformidade e adaptação.

## PROBLEMAS DA POBREZA RELIGIOSA

Frei Desidério Kalverkamp, O. F. M., Petrópolis, R. J.

Os princípios da pobreza religiosa, da pobreza em espírito são bem claros e explícitos. Mas longe estão de uma adaptação, feita ad usum Delphini. Não são teses matemáticas — são indicações práticas. Não são princípios filosóficos de conhecimento — são modos e normas de viver no Reino de Deus. Com isso têm as suas variações múltiplas e os seus problemas a resolver, como a vida têm os seus problemas. Procuraremos apontar alguns problemas, tentando indicar-lhes solução. Não visaremos aspétos jurídicos.

### 1) O PROBLEMA DO BOM SENSO.

A pobreza evangélica é uma revelação dada por Deus. Não é apenas razoável, ou expressão do bom senso comum : está acima de tudo isso.

Frizemos os têrmos por um exemplo : Alguém abandona tudo, renuncia a tudo que possui e o dá aos pobres; em seguida espera o necessário, pede esmola ao que tem posses. Com que direito ?

O mundo está disposto a admitir tal conduta como extravagância, num caso esporádico; mas como gênero de vida ? — Mais e mais, graças ao crescente indiferentismo das massas cristãs, nós nos achamos frente a um mundo sem conhecimento e orientação cristã. Dêste mundo certamente não podemos esperar compreensão da pobreza evangélica. Êle nos considera como loucos — e com acêrto, diante do tribunal da mera razão.

Ainda mais : Não só para o mundo esta pobreza é uma loucura, mas também para muitos religiosos.

Na teoria, por certo, estamos familiarizados com a revelação; sabemos de cór os textos sagrados referentes à pobreza e sua sublimidade. Mas na prática até muitos religiosos confiam mais em mil contos no Banco do Brasil do que em todo o desvêlo do Pai celestial. Não têm razão? O bom senso não lhes dá razão? Neles o bom senso está bem desenvolvido. — E se quiséssemos agora praticar a pobreza em espírito, como Cristo a praticou e ensinou: quantos dos nossos nos taxariam de loucos! Ora, não se deverá guardar o bom senso?

Aqui temos o problema prático a resolver: Pôr tôda a confiança em Deus, e não nas coisas do mundo, em nenhuma; aplicar a técnica terrivelmente simples, inventada e ensinada por Cristo: abandonar tudo por causa d'Ele, sem resseguro.

Êste proceder exige coragem e fôrça de espírito, fé e confiança sobrenaturais. Abandonar tudo, largar mão de tudo, antes de ganhar o cêntuplo prometido. E' a inversão do bom senso comum que julga melhor, ter um tico-tico na mão do que uma pomba no telhado. A coragem e confiança do religioso julga assim: é melhor o cêntuplo prometido por Deus juntamente com a vida eterna, do que as coisas dêste mundo na mão. Com outras palavras: o problema do bom senso, na pobreza religiosa, se resolve pela sabedoria da fé, segundo as palavras de São Paulo: "o que é tido como loucura em Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza em Deus, é mais forte que os homens (1 Cor, 1, 25). Ora, as palavras de Deus não são trocadilhos.

Urge cultivar em nós e em nossos jovens esta mentalidade; fazer ver que o bom senso é uma coisa muito boa, mas, não levará à perfeição.

Mesmo se o mundo ou até os nossos nos chamarem de loucos: benaventurados somos; pois damos testemunho de Cristo! — E por fim, o próprio mundo olha estupefato para êstes loucos: Cristo Jesus, os Apóstolos, São Francisco de Assis, São José Benedito Cottolengo.

## 2) O PROBLEMA DO CÊNTUPLO.

"Quem, por minha causa, deixar casa e tudo, receberá o cêntuplo com a vida eterna" (Mt 19,29).

O pecado produziu no homem uma tendência mórbida de fazer-se escravo das criaturas, em vez de servir ao Senhor. Cristo veio ensinar a liberdade dos filhos de Deus. Sôbre a base da revelação é evidentemente razoável serem os filhos prediletos de Deus aquinhoados largamente com a riqueza do

Pai, pois êste sabe das necessidades dos filhos. De fato, a história das Ordens e Congregações mostra, como rapidamente se tornam alvo da afluência de bens os conventos, enquanto neles se observa a pobreza, o desapego completo.

O cêntuplo, porém, por culpa ou conivência errada, facilmente chega a tais proporções, que só a violência do mundo, a serviço de Deus, parece ser capaz de restabelecer o estado evangélico ou aniquilar os seus traidores: vejam-se os tempos da apostasia do séc. XVI, a revolução francesa, os roubos oficiais do séc. XIX.

O cêntuplo em bens temporais é certamente uma manifestação da bondade paternal de Deus. No entanto cometeria um êrro funesto o religioso que se julgasse autorizado a dispor soberanamente de tudo, mais talvez, do que poderia ter sonhado no século, guardando a propriedade das suas coisas. Tal proceder seria como o voltar ao vômito, em túnica de santidade e toga do discípulo de Cristo; entender assim a promessa do Senhor, é cair na cilada do demônio. Por ventura, Cristo não era, por natureza, o dono de tudo? Mas Êle se fez pobre por nós neste mundo. — Desde que o cêntuplo se torna objeto de procura por parte dos religiosos, torna-se veneno: é doce à boca e amargo, e mortífero nas entranhas.

A bênção da pobreza não é a riqueza, e sim, a despreocupação completa e liberdade das coisas.

Assim o cêntuplo põe o religioso continuamente na decisão de afirmar e salvaguardar a sua liberdade adquirida em troca do abandono das coisas.

Os santos procederam conforme êste espírito. São Francisco convidado à mesa do cardeal, pede esmola dos pobres e a traz consigo ao banquete.

“Centuplum accipietis” significa: o Pai cuidará, com tãda a certeza, do necessário; não significa: o cêntuplo é meu ideal, se torna meu, está ao meu livre dispôr — Ainda há conventos de religiosos, onde o cêntuplo é considerado evangélicamente, onde o não-necessário é realmente entregue aos pobres; mas tais conventos são fenômenos — e deviam ser a regra!

### 3) O PROBLEMA DO NECESSÁRIO E DO SUPÉRFLUO.

A pobreza absoluta no sentido de não precisar e de não ter nada é um absurdo em si. Cuidar do necessário, embora confiando, de todo, na Providência Divina, é preceito universal indispensável. Mas podemos perguntar: O que é necessário?

Vista a diferença da constituição física, da índole e do caráter, da educação, do ambiente de proveniência, do standard comum da vida — o neces-

sário, também para os religiosos varia consideravelmente. Ainda no mesmo indivíduo a necessidade a respeito da mesma coisa pode ser diferente, segundo as circunstâncias, como o uso de automóvel, avião, aparelho fotográfico etc.

O cêntuplo prometido por Deus garante o necessário de tôda a maneira. Fica o problema da escôlha livre. Qual o critério para esta escôlha ?

É quase sempre fatal, orientar-se pelo parecer dos homens, mesmo cristãos, do mundo. Só resta o critério da conformidade com o evangelho em combinação com o bom senso, que não deixa de ser bom, embora por si só não seja idêntico com o espírito que vivifica, como vimos. O necessário, portanto, para o religioso deve ser determinado sob a luz da vida e doutrina de Cristo, e sob o aspecto do voto livre de guardar a pobreza, i. é, de renunciar a qualquer direito pròpriamente dito sôbre coisas materiais.

Exemplifiquemos. Chamada urgente para um doente justifica sem dúvida meios modernos de condução. Nisso concordam evangelho e bom senso. — Justifica-os também o pedido de um pai que deseja ver ainda o filho religioso ? O bom senso imediatamente diz que sim. O espírito de Cristo também ? Qual o sentido da palavra : deixar casa, pai, mãe etc ? O bom senso diz : é loucura, argumentar assim. Que argumento formidável em favor do espírito de Cristo ! — A caneta-tinteiro hoje em dia é necessária ? Convenhamos que é. Para o religioso poderá ser uma Parker 51, pela bagatela de Cr\$ 600,00? Seja uma caneta boa, pois é mais conforme à pobreza do que uma caneta ruim; mas Parker é dos ricos. — E se foi dada de presente ? Pode ser condenável; e pode não ser, se não causar escândalo. Pois se estou precisando duma caneta e recebo uma de presente, sem anzol, não me parece em nada repugnar à pobreza em espírito. Se o presente foi solicitado (pescado) por mim, estou inteiramente fora do assunto da pobreza evangélica.

Necessário individualmente, talvez possa ser caracterizado assim : o conjunto das coisas, sem as quais alguém não pode cumprir as suas obrigações. — Com isto o religioso se deve contentar visceralmente.

E tudo o mais será supérfluo ? Vivitur parvo bene : lembra S. S. Pio XII.

Ao necessário pertence também o recreio e descanso. São necessárias viagens dispendiosas para êste fim ? A pergunta que mais vêzes, em viagens, me foi dirigida, é esta : Está de passeio ?! — Ou são necessárias comidas e bebidas finas e caras ? Certamente não se poderá impor aos religiosos uma abstinência deshumana como obrigatória; mas, é eivdente : um religioso exigente não tem o espírito vivificador da verdadeira pobreza.

Um problema mais difícil é determinar o necessário para a comunidade. Devem ser consideradas as necessidades de todos os indivíduos em conjunto. Daí resulta uma folga maior.

O direito natural e canônico impõe ao pai de família o cuidado pelo sustento dos seus, o dever de tomar providência com o cêntuplo dado por Deus; cuidar, não segundo o próprio capricho, mas conforme as verdadeiras necessidades. O próprio São Francisco manda aos Superiores terem cuidado diligente dos irmãos doentes e dos irmãos que precisam de roupas conforme as exigências dos lugares, tempos e regiões frias. Numa comunidade, portanto, haverá, objetivamente maior conforto material à disposição. Isto é bem conforme a pobreza em espírito; porém, em nada muda a obrigação dos indivíduos de guardar a pobreza. Nem a licença do Superior pode dispensar da pobreza prática.

Como determinar o necessário para a comunidade? Será o conforto burguês?

O progresso da civilização certamente não é um problema novo para a pobreza evangélica. *Omnia vestra sunt, vos autem Christi!* E' o espírito sincero da imitação de Cristo que dá a solução, hoje como ontem. E' estrangular o espírito, quando se procura arrastar o uso das coisas ao tribunal da casuística: Se é lícito andar de automóvel, para distinguir: num Ford velho de 1910, sim; num Cadillac de 1953, não; e num Studebaker de 1940? Se um frade pode viajar de avião, se um beneditino pode usar relógio-pulseira, se a geladeira é contra a pobreza evangélica, se é luxo encerrar o assoalho ou pintar a casa a óleo. O que não deve haver, é uma vida medíocre de comodismo burguês. O povo cristão com o instinto da fé pensa assim.

Concorda com este sentimento do povo cristão a palavra e o exemplo de Cristo, entenderam-no assim os grandes no Reino de Deus, não só os Santos das Ordens e Congregações, mas ainda os Santos no mundo, como uma Santa Isabel, um Cura d'Ars. E' perigoso falar em exagêros de Santos, quando a Igreja, i. é Cristo diz que os Santos são heróis, mas de todo não são exagerados.

O que é supérfluo? Eu entendo por supérfluo, tudo quanto é dispensável no cumprimento da finalidade da respectiva Religião; ou negativamente, tudo quanto é incompatível com o espírito da respectiva Religião. — O supérfluo é a morte do espírito da pobreza; por direito pertence aos pobres necessitados (cfr. can. 1473).

#### 4) A PERFEIÇÃO E A MALDIÇÃO DA LEI.

Jesus Cristo relacionou intimamente a pobreza real e a perfeição. Não é obrigatório, escolher o perfeito; mas escolhendo-o, torna-se obrigação grave. É a sublimidade da altíssima pobreza que nos fez pobres de bens, ricos de virtudes e conduz à terra dos vivos (Regra O.F.M., cap. 6).

Este lado mais positivo da pobreza parece quase totalmente apagado na consciência dos religiosos. Às vezes dá a impressão que o entusiasmo e a compreensão desta altura são reservados à estufa do noviciado, para se eclipsar sem esperança na mediocridade dum behaviorismo chatíssimo, mediocridade da qual, aqui e acolá, surge uma ou outra elevação como lembrança viva dum ideal tão reverenciado em palavras untuosas e tão vilipendiado por um comodismo ordinário. A pobreza da média dos religiosos de hoje, onde ainda é observada, procura guardar com dificuldade o mínimo necessário, fixado por regras feitas ad hoc. É o problema profundamente humano do homem elevado à perfeição por graça e vocação, mas tristemente fascinado pelos grilhões. A mais liberal — no sentido evangélico — de todas as regras, a de São Francisco, leva as cicatrizes mais profundas: os documentos da Santa Sé postos em redor como cêrca, marcando o ínfimo limite ainda compatível com a perfeição. A liberdade e o amor ao valor infinito precisavam de grades e cadeados.

Para o perfeito, o lícito é uma tentação constante; e para o apenas lícito, o ilícito é um perigo hipnotizante. Em matéria de perfeição a pergunta: O que ainda é compatível com ela?, esta pergunta digo, em princípio já é uma perversão iniciada, pois revela a tendência em direção ao imperfeito, ao declive.

A necessidade de regulamentos e proibições é indício de decadência. Daí o grito angustiado no testamento de São Francisco: não façam glosas sobre a regra; pois com tais glosas, explicações, interpretações canônicas etc. se desce da altura livre dos filhos de Deus para a maldição da lei, e então é aplicável a sentença de São Paulo: A lei não foi feita para o justo, mas para os injustos e desobedientes (1 Tim 1, 9). Para a lei olham os que não gostam dela. Aos poucos a lei os irrita; procuram os buracinhos e frestas, e os pobres dos moralistas devem fazer o trabalho de precisão dizendo: o pecado começa aqui. A lei é ruim? Absit omnino; a lei é boa, pois, benaventurado quem a observa: por ela viverá. Mas as leis, em nosso assunto quase sempre proibitivas, só foram feitas por causa dos pecados. Quem estuda o proceder da Igreja, percebe, quão dificilmente ela se resolve

a dar prescrições e proibições. Ela bem sabe que é a assembléia dos filhos livres de Deus. Porque ela proíbe aos clérigos e religiosos de fazer negócios ? Para alguém que vive segundo o espírito da pobreza, esta lei não tem objeto. Sipienti sat.

As leis proibitivas não são pròpriamente normas da vida de perfeição evangélica; indicam limites ínfimos, são barreiras que impedem o caminho à escravatura ignóbil imposta pelas coisas do século. A liberdade, porém, pela qual Cristo nos libertou, está nas alturas límpidas de Deus.

Por isso a perfeição pergunta : O que ainda posso fazer ? O problema da perfeição na pobreza se resolve pelo amor ao Supremo Bem.

O trabalho ingente e importantíssimo a ser feito é : levar os religiosos a considerar a pobreza como um fator positivo de perfeição, não primariamente como renúncia. No deserto da renúncia as panelas de cebola do Egito têm um cheiro perturbador.

## 5) O TRABALHO E A MESA DO SENHOR.

Para o pobre de Cristo o meio mais normal de ganhar o sustento é o trabalho. Cristo ganhou assim o pão; o seu Apóstolo diz : Quem não quer trabalhar, também não coma (2 Tess 3,10). Jesus mesmo aplica esta regra fundamental ao trabalho apostólico. O trabalho é a vida dos pobres. Por isso não admira que o trabalho é um preceito comum de tôdas as regras religiosas. Ora et labora.

Para o religioso, porém, há esta circunstância particular : de ter renunciado ao direito sôbre coisas dêste mundo, quer no sentido absoluto (votos solenes) quer dum modo relativo (votos simples). Se o quisermos frizar, podemos exemplificar assim : quem nega o salário a um empregado, comete injustiça contra êste; quem nega o salário ao religioso comete injustiça, mas, não contra êste, pois, volenti non fit iniuria. (Nota : Não nos interessa, no momento, a situação jurídica). Devemos conceder isto, se não quisermos desvirtuar a pobreza prometida, enquanto é evangélica. São Francisco o entendeu assim : Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade..., porém, quanto à paga do trabalho, recebam o que for necessário ao corpo, para si e seus irmãos..., e isto se faça com humanidade, como convém a servos de Deus e seguidores da mais santa pobreza (Regra, cap. 5); e no seu testamento : quero firmemente que todos os meus irmãos trabalhem em algum ofício honesto; e os que não sabem, aprendam, não por cobiça de receber o salário...; e quando não nos davam

o preço do trabalho, recorriamos à mesa do Senhor pedindo esmola de porta em porta.

O salário ganho além do necessário, qualificado nas respectivas Constituições, segundo o espírito não pode ser guardado pelos religiosos, mas deve ser dado aos necessitados. (A ordem da caridade bem claramente dá a compreender que os primeiros a participar sejam os irmãos e irmãs de hábito, quando necessitados). Não é só São Francisco, mas também Santo Inácio que entende assim a pobreza evangélica, a pobreza da imitação de Cristo. Do contrário : como se guardariam do crime de amontoar tesouros ?

Se víssemos, como simples cristãos leigos praticam tal pobreza, sem ser a isso obrigados por voto, então muitos de nós provavelmente corariam de vergonha em frente de tão grande ideal como o nosso, e tão pequeno idealismo. Por ventura queremos nós trabalhar, a fim de ganhar apenas o necessário para nós e nossos irmãos, ou não queremos um bom pedaço a mais? Ora, nisso temos uma diferença essencial entre a pobreza religiosa e a pobreza necessária a todos para a salvação: a renúncia ao direito sobre as coisas.

Para os pobres de Cristo ao lado do trabalho como meio de vida figura a esmola.

E' exclusivamente da pobreza e da caridade, pedir esmolas; e só a caridade dá esmolas. Para nós esta caridade é Deus mesmo. São Francisco diz no seu testamento : Quando não nos davam o preço do trabalho, recorriamos à mesa do Senhor, pedindo esmola de porta em porta. A expressão revela a delicadeza de coração do Serafim de Assis. Tal esmola nada tem de comum com a mendicidade importuna dos vadios. Com razão esta é desprezada e considerada como cancro parasitário. Pedir, porém, e dar esmola em nome de Cristo é nobilitante para quem pede, como para quem dá. Com tamanha simplicidade São Francisco o diz : Disso os irmãos não se devem envergonhar, porque o Senhor se fêz pobre por nós neste mundo (Regra, cap. 6).

Se o trabalho para os religiosos é o título para aceitar o necessário, quanto maior não deverá ser o respeito dos mesmos em relação às esmolas, a fim de empregá-las no sentido da pobreza de Cristo !

Donde vêm as esmolas ? Muitas e muitas, qual moedinha da viuva, vêm das mãos de fiéis, dadas com a intenção bem explícita de ajudar aos que por profissão vivem na renúncia, seguindo as pegadas do Senhor. Estes fiéis não perderão a sua recompensa.

Se êles soubessem tudo, quanto se faz com as esmolas, a mesa do Senhor ! Mas Deus o sabe ! — E' revoltante ver, como às vêzes é esbanjado sem critério e com leviandade o dom da caridade. Isto é pior do que esbanjar coisas próprias; pois é tirar algo da mesa do Senhor e jogá-lo ao chão ! Ou merece menos atenção o carinho providencial de Deus porque é dado de graça ? Talvez já ouvimos alegar como desculpa de gastar sem necessidade luz ou água : Ora, é de graça !

Mas a esmola tem ainda um outro aspecto na vida religiosa.. A mesa do Senhor, principalmente quando respeitada com gratidão, é abundante. Ora, o dom da caridade não deverá gerar caridade ?

Uma religiosa há pouco me disse: Quando se trata de conseguir para nós qualquer coisa necessária ou útil, com bastante facilidade se obtém a licença, mesmo tratando-se de objetos caros ou de valor; mas quando se trata de ajudar a pessoas necessitadas no mundo, logo se alega a pobreza religiosa como obstáculo. (Nota : Uma caricatura do religioso — Est ens nihil habens et omnia possidens; omnia rapiens et nihil dans...). Julgo que deve estar claro : Não podem ser isentôs de praticar a caridade os que da caridade vivem. A caridade praticada com discrição — sem ela não há verdadeira caridade — não recorrerá aos parágrafos do direito para se deixar manietar; antes descobrirá, que até o direito canônico não impede a caridade (can. 1535). — Mas as Constituições proibem ! Sim, é a cerca levantada por causa da falta de espírito, por falta de discrição, por falta de personalidade cristã, por falta de formação, por falta de compreensão da liberdade de filhos de Deus que incluye necessàriamente a submissão do homem carnal. As proibições dos regulamentos são a expressão do bom senso para salvaguardar o mínimo de espírito. E por causa disso temos o que parece até um paradoxo : Na vida religiosa normal ou normada, como a temos, não é possível tôda a liberdade de Cristo; mas isto não é culpa das normas, ou da legislação canônica. Façamos levantar-se o espírito em direção a Deus — e tôdas estas normass se tornarão supérfluas; ou antes, veremos como não impedem a caridade. Outra vez o amor é a solução, que levanta a maldição da lei.

## 6) A POBREZA E A MISÉRIA.

Pobreza e miséria não são sinônimos. Por miséria entendo um padrão de vida, em que falta o necessário para a existência e atividade convenientes a um filho de Deus.

Em 1209 São Francisco pediu ao Papa Inocêncio III o favor de poder viver segundo a forma do Santo Evangelho, segundo a promessa do Senhor; por anos a fio Santa Clara resistiu às sugestões do Sumo Pontífice de aceitar rendas para o sustento das irmãs.

Viveram êles na miséria? Não! Na pobreza voluntária? Sim!

Onde reina o verdadeiro espírito de pobreza, nunca vem a faltar o necessário, como tão bem observa São Pedro de Alcântara numa carta dirigida a Santa Tereza, aos 14 de abril de 1562: "Se vemos faltar o necessário em mosteiros de mulheres pobres, é porque são pobres contra a sua vontade e não por seguirem o conselho de Cristo; pois eu não louvo a pobreza, senão a sofrida com paciência, por amor a Cristo Senhor Nosso, e muito mais a desejada, procurada e abraçada por amor. Se eu sentisse outra coisa ou tivesse como certa, não me julgaria seguro na fé" (Cfr. Obras compl. de S. Ignacio de Loyola, I, 1947, 667 ss. Madrid. B.A.C.).

Viveram êles na imundície? Não! Na pureza? Sim!

Miséria e desmazelo costumam campear juntos. Pobreza e asseio, porém, é o que há de mais atraente e amável na vida humana. Ninguém de nós duvida da pobreza da S. Família; mas quem ousaria pensar que ela vivia na imundície e na desordem?

Pode ser impressionante observar, em certas comunidades até hoje, o uso de pratos e talheres de madeira; mas isto não tem nada com a pobreza num tempo, em que os pratos e talheres comuns (!) ficam muito mais em conta. Da higiene nem se fala.

Pertence simplesmente à formação dos que vivem na intimidade do Senhor, fazer-lhes compreender o valor do cuidado razoável por um bem-estar equilibrado, sem cair, por isso, no exagêro mundano. É sabedoria antiga: Ubi bona culina, ibi bona disciplina. Instalações modernas da cozinha e do banheiro já não são inacessíveis aos pobres que têm o necessário cuidado de si mesmos, nem se opõem ao espírito de pobreza, levando-se, certamente em conta o ambiente social.

Não é apenas lícito, mas um verdadeiro dever, acompanhar os progressos da civilização no que diz respeito a uma higiene razoável. Nunca constituiu ideal na Igreja a imundície e o desmazelo, apesar da sentença de Santo Hilarião, ser supérfluo procurar asseio no cilício (Brev. Rom. 21-X). A pobreza evangélica não condena a um padrão indigno de vida, nem canoniza o primitivismo.

## 7) O APOSTOLADO DA POBREZA.

A doutrina de Jesus a respeito da pobreza é a mais simples possível; a sua eficácia maior está na muda eloquência do exemplo. Coepit Jesus facere et docere. A raiz de todos os males é a vontade de possuir (1 Tim 6,10). Nada impede de inverter a sentença do Apóstolo : a ausência da vontade de possuir é a ausência de todos os males — e em lugar disso está com muito mais acêrto : Se quiseres ser perfeito, vai e vende tudo e terás um tesouro : o céu; i. é, a felicidade, a benaventurança.

A lei de caridade, se vale para todos, de maneira particular vale para os religiosos. Os nossos irmãos no mundo e sua eterna salvação não nos podem ser indiferentes, pois nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos os nossos irmãos (1 Jo 3,14). A êles devemos mostrar a felicidade também pela prática da pobreza. Não nos iludamos : é êste o trabalho mais eficaz que podemos realizar, que todos podem realizar. A maior reforma social da idade média realizou-a São Francisco, até hoje o ídolo dos socialistas, porque viveu a felicidade da pobreza. Vivêmo-la nós religiosos também? Eu pergunto : O povo tem a convicção da nossa vida pobre? E pergunto mais : o povo pode ter a convicção da nossa pobreza? E como vamos falar-lhe da pobreza de Cristo, da benaventurança dos pobres, se nós mesmos não a praticamos, nem a amamos, se quase nada em nós faz suspeitar que renunciemos a tudo por amor a Deus? Não adianta acobertarmo-nos com a pobreza em espírito, quando vivemos numa segurança material muito mais sólida do que a da maioria dos homens. O espírito de pobreza, neste mundo, deve também ter um corpo, e êste corpo é a vida pobre. Tudo o mais é falsificação da mensagem de Cristo e um desmentido de nossa profissão.

Onde, porém, há esta pobreza em algum religioso, lá se abrem portas e corações. Um pobre ou religioso que vive realmente pobre, impressiona e prega e faz milagres ainda que seja um gago no falar. Obras sociais : é a senha em nossos dias. Para nós religiosos a vida pobre em Cristo é a obra social mais eficaz e durável. A nossa pobreza evangélica não será obstáculo nenhum de realizar outras obras sociais concretas : não se deve a um pobre Frade Menor a instituição dos "Montes pietatis", séculos antes da invenção de uma ação social?

E o nosso apostolado resultaria numa reforma espetacular, no momento em que tôdas as acusações levantadas contra a riqueza dos religiosos fôsem calúnias.

A pobreza canônica não salva e não santifica a nós nem a nossos irmãos; só a pobreza de Cristo.

O REVDO. PADRE SILVANO MARIA GIRAUD MISSIONÁRIO  
DE N. S. DA SALETTE

P. Alberto Allamann M. S.

Em 22 de agosto pp. completaram-se 70 anos que o Pe. Maria Silvano Giraud deixou este mundo, em fama de religioso de profunda espiritualidade e de vida santa. Profundamente penetrado do espírito de vítima, em união com Jesus-Hostia e com Maria, Mãe das Dôres, aplicou-se, com grande sucesso, durante toda a sua carreira sacerdotal, a propagar esta sublime doutrina nas prédicas, nas direções espirituais e nos escritos. Seu ensinamento tão edificante apoiava-se e fortalecia-se com os exemplos de uma conduta, não só irrepreensível, mas digna de admiração.

Depois da morte do venerado Padre, certo número de fatos extraordinários, já apreciados pela autoridade diocesana, multiplicaram seus admiradores convencidos de que sua intervenção não deixa de ser eficaz junto a Deus.

E' por isso que julgamos de bom alvitre divulgar a sua memória para que provoque o recurso mais frequente a este nosso intercessor junto de Deus, para que assim também contribuamos para a sua glorificação mediante os milagres que dêle obtivermos.

A 30 de setembro de 1830 nascia na aldeia de Eguilles, no sul da França, aquêle que, no século passado, devia ser o guia espiritual de grande número de almas, o teólogo do espírito de vítima e da Mensagem Saletina, o Revmo. Pe. Silvano Maria Giraud.

Dispôs a Providência que Pedro Henrique Frederico Giraud, pai de Silvano, estivesse preparado para formar a alma do seu filho à piedade sólida, germen de vida sacerdotal santa.

Aspirara êle ao sacerdócio; fôra seminarista : estudara filosofia; e, depois, experimentara a vida religiosa dos PP. Oblatos da Maria, sendo acolhido em Marselha pelo próprio fundador daquela Congregação. Não sendo, porém, esta a vontade de Deus, como bênção do seu matrimônio almejou acima de tudo ter um filho sacerdote. Nada negligenciou para orientar neste sentido os seus dois filhos.

Criança ainda, freqüentava a escola primária. Os momentos livres Silvano aproveitava para ir sozinho à igreja, rezar diante do SSmo. Sacramento. Este fato despertou a atenção do Pe. Vigário que pensou logo tratar-se de vocação especial e resolveu enviá-lo para o Seminário. Com efeito, desde o início do ano letivo de 1844, Silvano deixa o lar paterno para ingressar no Seminário de Aix, na Provença.

Seminarista modelar pela aplicação aos estudos, mas sobretudo, pela piedade e fiel observância dos regulamentos, fêz rápidos e maravilhosos progressos. Deparamos apenas, neste período da vida de Silvano, uma séria luta pela bela virtude, ameaçada por um vislumbre de amizade particular e um sentimentalismo romântico exagerado, fruto imaturo de seus estudos literários.

Em 1848 passa para o Seminário Maior de Aix. Nesta casa de formação imediata para o sacerdócio, cuida antes de tudo de levar vida de total abnegação e humildade, perfeita obediência e sobretudo íntima união com Nosso Senhor. Custe o que custar, só quer se tornar um santo. A miúdo repete sua oração predileta : “Como vossos santos, ó meu Deus, como vossos santos.” E desde então fica sua alma imbuida daquilo que lhe caracterizará tôda a vida : o Espírito de Vítima.

A 6 de junho de 1852 recebe o Subdiaconato. Consciente das tremendas responsabilidades assumidas, escreve em suas notas íntimas : “Eis-me Subdiacomo, isto é, eternamente consagrado à glória e serviço de Deus só Renunciei absolutamente ao mundo, a meus parentes, a mim mesmo; só pertenço à SSma. Trindade. Quem não mais se pertence, faz a vontade de seu Senhor e de nada se queixa, porque nenhum direito tem. Aniquilamento sem limites, zêlo puríssimo e constante pela maior glória de Deus entre os homens, religiosa aplicação ao exercício de minhas funções, devotamento absoluto ao meu Bispo.”

Em outubro do mesmo ano de 1852, o Subdiácono Giraud, já com o curso teológico terminado antes da idade requerida para a ordenação sacerdotal, vê-se enviado pelo Sr. Arcebispo, como prefeito de disciplina e professor no Seminário Menor de Aix, onde êle mesmo fizera os estudos clássicos. Nota então no seu caderno íntimo, entre outros pensamentos admiráveis : “O’ minha alma, pensaste bem na dignidade duma criança da qual o Senhor Deus quer fazer o seu sacerdote um dia ? Com quanta dedicação, quanto amor, quanto zêlo é preciso cercar essa criaturinha que Deus quer honrar tanto !” De tal modo conquista a confiança dos alunos, que êles vêm pressurosos, pedir-lhe conselhos como a diretor de consciência.

Apesar dos seus 23 anos e de sua humildade, por obediência à vontade de seu arcebispo, aos 17 de dezembro de 1853, sòzinho, é ordenado Sacerdote.

Ainda paramentado, na sacristia, ajoelha-se e escreve : “Eis-me Padre, ó meu Deus, ó Trindade SSma., renovo o único desejo que haja em minha alma, o de ser, assim como os vossos Santos, tanto Vítima como Sacerdote... Por tôda a vida, como Jesus, Vítima inteiramente imolada à gló-

ria de Deus e a salvação das almas, Vítima sempre abjeta aos meus próprios olhos. Deus só.”

Na verdade será êsse o programa de tôda a sua vida.

Após as festas da sua primeira missa em Eguilles, volta a ocupar as suas funções no Seminário Menor. O distinto professor ganha inteira admiração e afeição de seus alunos e colegas. Devotado às almas, ajuda os seus confrades no santo ministério das confissões e pregações dominicais.

A sua eloquência arrebatava os auditórios; mas em sua alma surge, mais premente, a idéia da vida religiosa. Vários anos se debate nessa dúvida. Professor e Diretor no Seminário, a formar ministros de Deus, ou pregador a arrebatá-las multidões, como fizera na igreja metropolitana de Aix, ou ainda religioso, a fim de “pôr em segurança a sua fraqueza pessoal atrás de uma regra austera de vida religiosa”, eis o problema a solucionar. A Ordem dos PP. Capuchinhos o atrai pela sua vida de humildade e pobreza.

Nessa altura da vida do R. Pe. Giraud, apparece a figura veneranda da Madre Santa Clara, abadessa das Clarissas de Lorgues, na mesma diocese de Aix. A correspondência epistolar entre essas duas almas revela o alto grau de espiritualidade a que haviam ambas chegado.

Providencialmente, em 1857, ao falar alguém na célebre aparição da Salette, sente-se, de chofre, atraído, como que subjugo por essa Virgem lacrimosa; decide ir em peregrinação ao já famoso Santuário que se está erguendo na montanha santificada pela presença da Mãe de Deus. Em agosto do mesmo ano faz alí um retiro de sete dias e deixa escrito em seus apontamentos: “A Santíssima Virgem quer que me torne o Missionário de suas lágrimas e de suas dôres. Nunca senti convicção tão íntima, tão benfazeja. Assim terminam as minhas incertezas, assim começa êsse porvir de trabalhos, sofrimentos e provações de que tinha como que a intuição. E’ fora de qualquer influência que aceitei essa graça magnífica. Não posso absolutamente duvidar de que essa seja a minha vocação”.

Encontra, porém, o seu desígnio grandíssimas dificuldades. Todos os seus colegas de sacerdócio e a própria autoridade eclesiástica de Aix se lhe opõem. Por ordem do Sr. Arcebispo deve esperar ainda três anos antes de poder executar o seu projeto.

A 11 de novembro de 1858, bate à porta da casa dos Missionários de N. S. da Salette, na cidade de Grenoble e, poucos dias depois, sobe à santa montanha da Aparição, para aí começar o noviciado com tanto fervor que causa admiração a seus poucos, mas fervorosos confrades.

A 2 de fevereiro de 1860 pronuncia seus votos religiosos, aos quais acrescenta o de se dedicar de corpo e alma ao serviço de N. S. da Salette e o de devotamento à Santa Sé.

Não tarda em sobrepujar os seus colegas, os quais avaliando-lhe os grandes méritos, escolhem-no como Superior Geral a 2 de fevereiro de 1865. Conservará este cargo até 1876. Demite-se então do espinhoso munus, pois, além de novas dificuldades administrativas, a má saúde não lhe permite mais suportar os labores e cruces do Superiorado.

Fora da atividade desenvolvida no interior da congregação religiosa, à qual ficou incumbido de dar regras e espírito próprios, foi sobretudo pregador de retiros sacerdotais, escritor de obras ascéticas e diretor de almas religiosas. A santificação do clero e das almas consagradas foi o escopo de toda a sua vida, para isso, associando o ideal da sua mocidade com o espírito saletino, espalhou o Espírito de Vítima em união com Maria Santíssima, a divina Reconciliadora dos Pecadores, que aparecera na Salette como Vítima amorosa do Coração de Jesus.

Admirável é o seu livro: "A Vida de União com Maria" — obra prima de amor filial e ternura para com a Santíssima Virgem.

Dedicou seus últimos anos de vida a infundir o seu espírito à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Salette de Lião, fundada por ele mesmo em 1869 e à redação de livros para seus colegas no sacerdócio: "Sacerdote e Vítima" — cuja tradução para a nossa língua está sendo realizada, devendo ser brevemente publicada pela Editora Vozes, que já publicou a tradução do livro do mesmo autor saletino: "O espírito de Sacrifício na Vida religiosa". Sacerdote e Vítima é livro de alta espiritualidade e escrínio de preciosas citações patrísticas, em acentos por vezes líricos e acalorados. Percorre todos os degraus do sacramento da ordem, pondo em relevo todo o valor da vida epiritual que deles podem haurir as almas privilegiadas que recebem o sagrado caráter sacerdotal.

O R. Pe. Silvano Maria Giraud faleceu inopinadamente aos 22 de agosto de 1885, em Tarascon, no sul da França, em viagem empreendida para pregar retiros espirituais aos padres da União Apostólica.

O corpo do venerando religioso repousa no cemitério da Santa Montanha da Salette, em frente aos lugares da Aparição.

O R. Pe. Giraud foi uma alma de escol: espírito de oração e de fé, intenso amor de Deus, terníssima devoção à Sagrada Paixão e à Eucaristia, amor do próximo, especialmente dos pobres e das crianças, espírito de mortificação, de humildade e abnegação heróicos. Pelo voto de vítima se comprometera a nunca recusar um sacrifício manifestamente pedido por Deus. De conformidade com o seu propósito de ordenação, foi, na verdade, durante toda a vida, tanto vítima quanto sacerdote do Coração de Jesus.

Estando já concluído o processo diocesano, nutrimos a esperança de que não tarde a Igreja em honrá-lo com o culto dos Santos.

## CARTA A UMA SUPERIORA

Rvma. Madre:

VII

Alegro-me de que S. Rvma. tenha lido as minhas cartas para tóda a sua Comunidade. Não há dúvida que a maior parte dos conselhos, são unicamente para S. Rvma., mas também podem servir para as súditas que, em bom número, em futuro próximo serão superiores. Além disso as que pensam que a Superiora não conhece as próprias obrigações, se convencerão de que não é assim; mas que ela deseja que tódas as conheçam para ajudá-la a realizar a vontade de Deus.

Se a sua solicitude pelo bem material das suas filhas deve ser maternal, isto é, sem medida; maior ainda deve ser a solicitude maternal pelo bem espiritual das filhas que Nosso Senhor lhe confiou. Em futuras cartas, se Deus quiser, terei de falar muitas vêzes sob diversas formas, sôbre êste ponto, mas hoje vão os primeiros conselhos.

Viva antes de tudo para dentro, para dentro não só da sua casa, mas da sua alma e das almas das suas filhas. A maior preocupação de V. Rvma. deve ser o bem espiritual, a santificação das suas filhas. No dia da profissão elas se entregaram inteiramente nas mãos de Nosso Senhor e Nosso Senhor as passou às mãos de V. Rvma. encarregando-a de as guardar e formar para Ele. Ai das Superiores que respondessem a Nosso Senhor como Caim: Porventura eu sou guarda dessas Religiosas?

A Superiora não se santifica ou não se perde sózinha. Vai sempre acompanhada das suas filhas. Veja qual a sua responsabilidade diante de Deus e dos homens.

Procure, em primeiro lugar, entender as suas filhas. Receba as suas confidências, com espírito sobrenatural, com a vontade de ajudá-las a se santificarem.

A êste respeito vou dar a V. Rvma. um conselho talvez diferente dos que tenha lido e ouvido: não tenha nenhum reparo em receber a conta de consciência das suas Religiosas, pelo contrário, facilite-a em tudo. E' um grande meio de santificação que não se deve perder. Houve em tempos passados bastante abusos, por isso a Igreja teve de cortá-los com rigor, mas o Código de Direito Canônico colocou a doutrina em termos muito mais benígnos. Nada de pressão por parte das Superiores para obrigar as súditas a prestar conta de consciência, mas, quando as súditas quizerem cumprir essa prática tão sábia introduzida na maioria das Constituições dos Religiosos e Religiosas, a Superiora não só deve não criar dificuldades, mas deve facilitá-la.

Não se esqueça, Rvma. Madre, dêste conselho. Servo em Xto.

Pe. Geraldo Fernandes, C. M. F.

## ERAM UMA VEZ UMAS VIDRAÇAS . . .

### UMA EXPERIÊNCIA DE APOSTOLADO ENTRE OS POBRES

Por uma Filha da Caridade de S. V. de Paulo.

Todos os dias ouvia-se a mesma ladainha : “mais vidraças quebradas !” . . . A molecada está umentando ! Chamem a Rádio Patrulha ! . . .

Empregados à procura dos garotos, brigas, discussões e nada resolvido !

As pedras continuam a trabalhar nos célebres “bodoques”.

Um dia era o refeitório atingido pelas pedras; outro dia, o dormitório, a sala de costura, etc, e o mais perigoso acontecida quando eram as alunas as vítimas.

À tarde, a famosa “bola” não parava e a algazarra aumentava, atrapalhando assim o estudo das alunas e o sossego da vizinhança.

Certo dia, resolvi espiá-los pela veneziana e assim que os vi com os bolsos repletos de pedras, “bodoques” armados, carinhas de malandros, não sei o que senti por êles — só sei que foi uma grande simpatia e desejo de conhecê-los.

Desci rapidamente as escadas e apareci diante dêles. Qual não foi o meu espanto ao ver-me sòzinha em plena rua — desapareceram em dois segundos !

Esperei um pouquinho e como não aparecessem regresssei para casa um tanto desapontada e triste por não os ter conhecido.

Uma tarde, regressando ao Colégio, encontrei casualmente a turminha reunida na calçada em calorosa discussão.

Perguntei-lhes a causa, e depois de me olharem um pouco desconfiados, um dêles com mais coragem me respondeu, dizendo que estavam discutindo sôbre a “surra do Flamengo”.

— E a senhora, de que team é? perguntou-me um deles.

— Eu, não sou de team nenhum, porque não entendo nada de futebol...

Aí ficaram mais corajosos e cada um queria ensinar-me o que eram iam explicando: "goal"... quiper... fora... etc.

Fiquei entusiasmada com a primeira entrevista e convidei-os para virem ao Colégio, pois lá poderíamos conversar mais à vontade.

— Ah!... isso não, disse um deles. A gente "somos" moleques de morro e ninguém gosta da gente.

— Mas eu sou diferente, sou uma religiosa e não tenho orgulho de ninguém!

— E', mas o pessoal de lá sabe qui a gente...

Nisso levanta-se um deles e lhe dá um forte pontapé:

— Cala boca seu trouxa. A irmã já prometeu levá a gente prá Delegacia...

Então ri-me do espanto deles e perguntei-lhes:

— Querem levá-los para a Delegacia? Mas vocês não fizeram nada.

Ficaram silenciosos e depois um mais destemido tomou a palavra:

— Irmã, a gente vamos falar a verdade: as Irmãs, os empregados do colégio tão à procura da gente por causa das vidraças que a gente quebramos...

— Ora, respondi, isso já passou e ninguém vai pensar que são vocês. Olhem, vamos fazer um trato: Eu me chamo I.M.B. e vocês vão ficar meus amigos. Vou dizer à Irmã Superiora que daqui em diante não haverá mais vidraças quebradas e que vocês serão os guardas das vidraças do colégio, serve assim?

Responderam todos: Serve sim, mas a senhora defende a gente?

— Dou-lhes minha palavra. Amanhã esperarei vocês às 5 horas da tarde, pois preciso muito conversar com todos, conhecer o nome de cada um e se vierem vão ganhar uma merenda bem gostosa: — pão com doce? perguntou contente um menor.

Com um empurrão, respondeu o chefe: — A Irmã dá o que ela bem entendê, ouviu seu cara de ganso?...

Trouxeram-me até o portão do colégio e, despedindo-me deles, dirigi-me à Capela para pedir ao bom Deus que os fizesse voltar e me ajudasse a conquistar aquelas alminhas para Êle.

No dia seguinte precisei descer antes da hora marcada, porque vieram mais cedo e já haviam discutido com a porteira, que não lhes dera permissão para entrar.

Encontrei também dois dos nossos empregados segurando o portão e um tanto espantados, porque, como não estavam a par do nosso trato, achavam que deviam impedir a entrada da molecada.

Assim que me viram, gritaram logo :

— Irmã, a senhora convidou a gente e agora não querem deixá a gente passá...

Expliquei aos empregados o meu convite e como não podiam compreender o que lhes dissera, exclamaram :

— Irmã, a senhora não sabe o que arranjou... Êsses capetinhas vão acabar com a senhora. Nós vamos ficar aqui de prontidão e qualquer coisa que houver, metemos o pau nesses malandros.

Concordei com êles e levei os garotos para o jardim, onde os fiz assentarem-se. Perguntei a cada um como se chamava : Wilson, Onaldo, Nilton, Jorge, Nelson, Pedrinho, Albaninho, Leandro, Waldir, Valmir, Adalberto, Jenevier, José Juiz, José da Rocha, José Maria, Vanir, Alvino e Luizinho. 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 anos.

— Quem está na escola ? perguntei-lhes.

Uns estudavam, outros foram expulsos e outros nunca haviam ido à escola. Mostrei-lhes a necessidade do estudo para serem mais tarde homens de valor. Hoje em dia não se pode fazer nada sem estudos... até para ser carroceiro é necessário saber ler, contar, etc. Se vocês estudarem pouco ou não estudarem, nunca serão nada na vida. Serão mais tarde vagabundos, ladrões, homens inúteis à sociedade e depois serão presos e levados para o Distrito.

— E' isso mesmo que a gente queremos, Irmã. E' muito melhor ficar à toa do que trabalhar ! Ser bandido, valente como o mocinho, andar de tanga e com uma faca na cintura ! A gente achamos isso uma beleza ! Depois o nosso nome aparece no jornal !

— Está ótimo, disse-lhes com a maior naturalidade. Mas para ser um verdadeiro bandido é preciso saber e saber muita coisa. Se vocês quiserem venham aqui todos os dias a esta mesma hora e lhes ensinarei um "truque". Quando era criança brinquei com outras crianças e sei muita coisa interessante.

Examinei os dentes dêles, orelhas, etc., e contei-lhes uma história de uma moça que nunca tomava banho. Gostaram e prometeram-me escovar os dentes e tomar um banho mais higiênico.

Prometi-lhes algumas escôvas de dentes e sabão. Perguntei-lhes também se sabiam rezar e como a maioria não sabia, ensinei-lhes uma oração, o sinal da cruz, expliquei-lhes como nós devemos ser gratos ao Pai do Céu que nos criou e que nos espera um dia no céu, depois de nossa morte.

Levei-os à Capela e mostrei-lhes o Altar onde Nosso Senhor está, prometendo-lhes que iria também rezar por êles e pelas suas famílias.

Onaldo perguntou-me : Irmã, Deus gosta da gente ?

— Gosta sim.

— Ele tá contente com a gente ?

— Ah ! isto eu não sei. Daqui a uns meses Ele me dirá se vocês vierem todos os dias aqui.

Coloquei ao pescoço de cada um uma medalhinha de Nossa Senhora e ensinei-lhes o valor da água benta — como ela afasta o demônio. Então Onaldo virou-se muito sério e disse :

— Irmã, arranja uma lata de água benta prá eu tomá um banho, porque a nossa mãe fala qui eu tenho o demônio no corpo...

Depois de ganharem uma boa merenda — como desejavam — foram contentes para casa, prometendo voltar no dia seguinte.

— Que bão... a gente agora somos amigos da Irmã M. B. Ela gosta da gente e a gente gostamos dela.

Disse o Wilson, o mais educado dêles :

— Agora o primeiro “cara” que jogar pedra nas vidraças da Irmã eu parto a cara sem mêdo de ninguém !

Outros diziam :

— Ela já sabe o nosso nome e gosta de todos nós, dizia o Jorge. Respondia o Nilton, um tanto gago : Mais quem conheceu ela primeiro fui eu... quando ela foi ao morro a primeira vez fui eu quem lhe ensinou o caminho da casa da vovó Chavão...

— Agora não vamos faltar à Missa do domingo, dizia outro.

Então combinavam : Quem acordar primeiro vai chamar o companheiro.

Se algum faltava ao compromisso, chamavam-no de tratante, de falso companheiro.

Geralmente eram muito sensíveis, por isso devia tratá-los com muita bondade, caridade, procurando dar valor e importância aos seus planos, opiniões e quando era preciso corrigi-los, procurava mostrar-lhes como deveriam fazer :

— Vocês já experimentaram fazer assim? Vejam se dêste modo fica melhor. Assim procuravam aprender aos poucos alguma coisa boa e sadia.

Com o contacto diário, a amizade foi crescendo, os seus pequenos problemas iam sendo revelados e os pedidos aumentavam:

— Irmã, quando a senhora for ao morro vai visitar minha mãe! Irmã, a gente queremos mostrá uma coisa lá na nossa casa! Irmã, arranja um pouco de mantimento prá minha mãe, hoje a gente não tivemos nem um pouquinho de açúcar prá tomá café...

As quintas-feiras, feriado escolar, às 3 horas da tarde, subia o morro em companhia de um grupo de alunas da última série e, debaixo de um mangueiral, reunia as crianças em grupos, de acôrdo com a idade e entregava a cada uma um grupo de crianças. Começávamos, então, a aula de catecismo.

A princípio, tivemos de trabalhar para conseguir um pouco de ordem, silêncio e educação: pareciam verdadeiros selvagens; formávamos os grupos e em poucos minutos os mesmos se desfaziam e surgiam, então, os pontapés, sôcos, empurrões, etc. Tudo servia para nos fazer praticar um pouco a virtude da paciência.

Após as aulas, reuni tôdas as crianças, fiz-lhes umas recomendações e depois cantamos hinos piedosos. Terminados os cantos, disse-lhes que ficassem bem quietos para ganhar balas e santos e como fui abrindo o pacote, avançaram, e não sei como não rolei morro abaixo. Quando terminou o assalto, havia crianças chorando, outras machucadas e os "célebres" maiores estavam em cima das mangueiras com os bolsos cheios de balas.

Na vez seguinte que lá fomos, nada levei e expliquei a todos o papel feio que fizeram, mostrando-lhes a necessidade de terem educação, delicadeza de modos.

Prometeram-me assim proceder e aos poucos consegui ordem para brincar, para comer e estudar. Esperavam com certa paciência os menores ganharem a sua parte e quando um maior procurava passar na frente, os outros reclamavam e procuravam castigá-lo.

Encarreguei-me dos meninos maiores e durante as aulas era preciso certa habilidade para contê-los. Às vêzes perguntava:

— Quem não fêz malcriação? Quem não disse palavras feias?

Apesar de muito sinceros, havia sempre uns que procuravam justificar-se dizendo:

— Eu não fiz, Irmã. Só eu que rezei de manhã.

Então uns reclamavam, chamando-o de mentiroso e na maior rapidez atiravam-se em cima do coitado. O grupo se debatia novamente e depois

subiam para as mangueiras, deixando-me sòzinha a olhá-los um tanto desapontada.

Com o tempo foram adquirindo certa educação, interessavam-se mais pelas lições marcadas, procuravam agradar-nos.

Uma vez combinaram entre si capinar uma parte plana para fazer um local mais apropriado para o catecismo. Trabalharam com entusiasmo e o campo ficou melhor do que esperávamos. Às quintas-feiras era varrido por êles.

Ali formávamos, depois do catecismo, um grupo de roda com as meninas e mais longe um time de futebol. Gostavam muito das alunas do Colégio e procuravam agradá-las com flôres, santos velhos, frutas do mato. Um dia organizaram uma festa para nós e fizeram um teatro com diversos números, inclusive um número de índios com flechas, cobertos de fôlhas, etc.

Os meninos são muito sinceros e, quando dizem uma mentira, logo depois procuram contar a verdade dizendo :

— Irmã, a gente vamos contar a verdade... eu não fui à escola, porque estava com preguiça ! ou então : fui eu sim quem jogou pedra na casa da vovó Cesarina, mas agora eu prometo nunca mais fazer isso. A senhora ficou zangada com a gente ?

Entretanto, as meninas são mais sonsas e procuram desculpar-se jogando a culpa por cima das companheiras. Quando estão em grupos, noto certa antipatia momentânea entre alguns dêles.

Notava isso, quando em silêncio ouviam as lições ou atentos escutavam algum aviso e que, ao aproximar-se um menos simpático, reclamavam dizendo : Fora daqui, seu sujo ! A gente já contamos a Irmã tudo que você fêz !...

Às vêzes o pobre coitado era rejeitado por ser muito sujo e outras vêzes era o contrário — porque andava sempre limpo, calçado ou com maneiras mais educadas.

Havia um dêles — o Nilton — que era mais sossegado, andava limpinho e tinha sempre maneiras educadas e quase não se misturava com a turma para fazer desordens. Êle era alvo de críticas, de antipatia. Chamavam-no de mariquinhas, grãfino, etc.

Quando aparecia Zé sujo, era difícil contê-los : jogavam pedrinhas, insultavam-no dizendo : saia daqui, seu moleque sujo.

Irmã, num pega nêle, porque êle põe o dedo no nariz...

Êle se desculpava, chorava e dizia :

— Ah ! Irmã, eu num ponho mais o dedo no nariz. Só quando tou òzinho.

Precisava colocá-lo bem perto de mim, às vezes era preciso segurá-lo pelo pulso durante todo o tempo da aula. Com o tempo, tratando-os com bondade e caridade, procurava mostrar-lhes os pequenos erros, ensinava-lhes a praticar a caridade. No fim de certo tempo já não havia êstes momentos de antipatia e quando algum se manifestava, perguntava-lhes : — Quem foi que me prometeu não brigar, não ser injusto para com o companheiro ? Aí se lembravam e diziam logo :

— Irmã, eu “se” esqueci. Num faço mais.

Procurei ensinar-lhes diversos jogos : dama, víspera, jôgo do botão, malha, etc, e isso ajudou muito para acabar com as brigas, diminuindo os socos e as discussões.

Crescendo a amizade, aumentou a confiança e já não podíamos passar sem nos ver. Qualquer motivo servia para êles me procurarem :

— Irmã, cortei meu pé, está doendo à bessa. A senhora quer fazer curativo ?

Fazia então o curativo com todo o cuidado, punha esparadrapo, embora não fôsse preciso algumas vezes, mas, como achavam uma beleza, precisava fazer as vontades dêles...

Uma vez um pequeno querendo me falar e não sabendo qual a desculpa a dar, cortou com a gilete o peito do pé e veio pedir-me para fazer o curativo desejado. No fim do mesmo, êle próprio contou-me, dizendo :

— Irmã, a gente estávamos com vontade de vir aqui e como a porteira é muito enjoada, mostrei-lhe o pé cheio de sangue e ela resolveu chamá-la.

Surgiu um grande problema com os contínuos chamados : a porteira já se irritava, expulsava-os com grosserias e como ela tem verdadeira aversão a moleques, não poupava sacrifícios para correr atrás dêles, dizendo-lhes : Irmã Superiora não quer saber de moleques vagabundos aqui. Dêem o fora !

Vieram fazer-me as queixas, dizendo :

— Irmã, aquela dona da portaria tá insultando a gente. Ela diz que a gente somos vagabundos, moleques de morro, etc.

Então resolvi que batessem palmas e eu, ao ouvir, desceria logo para atendê-los.

A experiência não deu certo e com as palmas impacientes da turminha no jardim, irritou-se mais ainda a porteira, que foi chamar a dona da casa para fazê-los parar com o barulho.

Então Onaldo me disse :

— Irmã, a gente damos um assobio e a senhora chega à janela e responde com outro assobio e aí a gente ficamos sabendo que a senhora vai

descer. Se a senhora não responder é que não pode descer e a gente vamos embora.

Mas como não sabia assobiar, disse-lhes que achava um pouco difícil esta solução. Onaldo não teve dúvidas : Com dois dedos na boca me disse :

— Faz assim, Irmã. E deu um assobio tão alto que chamou a atenção do pessoal da casa.

Não gostei desta maneira de assobiar, porque achei muito complicado. Alguns começaram a assobiar e me diziam :

— Irmã, é só fazer assim... E assobiavam para me ensinar.

Cada um queria mostrar a sua capacidade e consegui aprender, não conseguindo, porém, assobiar numa altura regular.

Despedindo-me da garotada, fiquei pensando na combinação que havíamos feito e, como ainda não soubesse bem, dirigi-me para um lugar solitário e comecei a treinar.

Quando comecei a assobiar numa altura mais razoável, fui surpreendida pela presença da Irmã Superiora que, atraída pelo som, olhou-me muito espantada, dizendo-me :

— Mon Dieu, une Fille de la Charité assobiando !... quelle horreur !...

Aproveitei então para explicar a situação difícil em que nos encontrávamos devido à célebre porteira e pedi sua proteção. Ela sorrindo me disse :

— Se eu não tomar sérias providências, não sei onde a senhora irá parar chefiada por malandros o dia inteiro...

Com a chegada das férias era na realidade o dia inteiro chamada pelos meninos e às vezes estando muito ocupada pedia a uma companheira que os fôsse atender. Voltava ela zangada, porque êles não a queriam, dizendo :

— A gente queremos é a Irmã M. B.. A senhora não serve.

Então a Irmã insistia dizendo :

Eu também gosto de vocês tanto quanto a Irmã M. B.

Mas êles não aceitavam e diziam :

— Não, a gente gostamos da senhora e de tôdas as Irmãs, mas a gente queremos é a Irmã M. B.

Não havia outro remédio senão descer e conversar um pouquinho com êles. Achavam que eu tinha obrigação de atendê-los a qualquer hora e isso fazia com que pouco se importassem com a hora marcada para os encontros.

Às vezes estávamos na Capela fazendo oração, quando entrava aquele grupinho quase correndo e dirigiam-se para o meu lado dizendo :

Irmã, a gente já chegamos.

Precisava sair e colocá-los assentados nos bancos do jardim até que acabasse de fazer a oração. Muitas vezes não ficavam quietos, corriam, bri-

gavam e a porteira entrava no meio. Aí então complicava tudo, porque a Irmã Superiora ficava zangada com êles e eu me sentia responsável por tudo.

Costumavam dizer-me :

— Irmã, a senhora está perdendo tempo com esta molecada. Isso não vai dar nada que preste. A senhora deve mandá-los embora. Ainda se viessem limpos, fôsem mais educados...

Ficava muito zangada, porque, para mim, isso era um insulto. Não enxergava nenhum defeito nêles e em tôdas as suas travessuras procurava desculpá-los, dizendo :

— Coitadinhos, êles pouco receberam e por isso pouco podem dar. Vocês já pensaram um pouquinho na vida de cada um : como vivem, sem carinho, sem cuidados, abandonados, rejeitados por todos, etc.? Nós, no lugar dêles, não seríamos iguais ? Se nós religiosas não procurarmos compreender estas alminhas conforme elas são, quem mais poderá ter caridade e bondade para ver Nosso Senhor através destas carinhas sujas ?

Muitas vêzes sentia-me desanimada pelas grandes incompreensões e então resolvia acabar de uma vez com esta obra e dizia a mim mesma : hoje vou mandá-los embora e proibir-lhes a vinda aqui. Mas assim que os via no jardim, assobiando ansiosos, não me continha e descia depressa para ficar um pouco junto dêles.

Interessante é que, quando voltava, sentia-me com tanta coragem e com tanta alegria que já não sentia os obstáculos e era com grande esperança que aguardava com certeza e confiança dias melhores.

As aulas prosseguiam bem freqüentadas. Reuníamos-nos em uma sala e ali conversávamos e fazíamos planos. Procurava despertar ideal por alguma coisa nobre em cada um, de acôrdo com a preferência e vontade de cada menino. Já não desejavam mais ser bandidos, ficar ociosos o dia inteiro. Uns queriam ser mecânicos, outros pintores, outros contadores, etc. Estudavam a lição marcada com interêsse e pediam explicações quando não compreendiam bem.

Ensinei-lhes diversas canções e para mim não havia quadro mais lindo e comovente do que vê-los reunidos de pé, mãozinhas postas, cantando : Mãezinha do Céu eu não sei rezar, ou O meu coração é só de Jesus.

Adquiriram o hábito de cumprimentar as pessoas e era ainda aos empurrões que chegavam à porta da Capela, para tomar água benta, não se contentando em colocar um dedo sòmente na pia, mas quase os dedos todos eram molhados na água. Recolhiam-se uns minutos diante do tabernáculo e depois saíam contentes e penso que Nosso Senhor também deveria ficar

contente, recebendo essas visitas tão raras e tão importantes para Êle, que soube, com tanto carinho, trabalhar no meio dos pobres.

Depois de dois anos e meio já se achavam bem compenetrados e bem preparados para realizarem o ato tão desejado por êles — a primeira Comunhão.

A Santa Missa já não estava esquecida e cedo ou tarde apareciam êles bem contentes para assistí-la. Quando chegavam tarde demais, iam ao meu lugar um tanto desconfiados e diziam :

— Irmã, a gente viemos !

Muitas vezes chegavam no “Ite Missa est” e então a Irmã Superiora ia me dizer :

— Veja o progresso e a piedade de seus filhos. Estão chegando agora !

Para mim, êste ato de se levantar mais cedo e virem à igreja já era considerado muito grande e era sorrindo que os defendia, dizendo :

— Coitadinhos, já fizeram muito. Não esperava por isso. Nosso Senhor está contente, pois reservou para êles a última bênção.

Depois da Missa comiam pãezinhos doces e íamos para o pátio jogar bola. Formaram o “time”, escolheram os partidos e era com alegria que disputavam o campeonato.

Precisava vigiá-los, porque a todo momento o jôgo parava, começava a discussão : noã valeu ! Aquêles maricas deu um chute errado ! Foi fora ,etc. Então entrava e separava os jogadores e procurava acalmá-los.

Aceitavam incontinentemente a minha opinião e voltavam novamente para o jôgo interrompido.

Organizamos também o jôgo do botão, bolinhas de gude e às vezes precisava jogar também, porque ficavam tristes se me recusava a participar dos jogos.

Diversas vezes ganhava as partidas e tinha de voltar com as mãos cheias de figurinhas e bolas. Precisava esconder os “lucros”, porque o pessoal de casa já andava alarmado com a minha mudança.

Ensinava-lhes também a fazer seus brinquedos e fornecia algumas vezes o material desejado : madeira, pregos, papel, linha, etc. Um dia dei-lhes umas rodinhas de patins para fazerem uns patinetes. Fizeram três e fiquei admirada vendo tanta habilidade e inteligência para o trabalho. Uma tarde, trouxeram os três patinetes e bem contentes foram dizendo :

— Irmã, vamos apostar uma corrida e quem ganhar tem direito de ficar com o patinete três dias.

Fui escolhida para correr na primeira chamada. Marcamos a distância e nos preparamos, esperando o sinal do juiz. Como estava ganhando a

corrida, Nilton quis passar à minha frente e o seu patinete chocou-se com o meu e como havia um prego no patinete onde eu estava, feriu o pé de Nilton, dando um talho bem profundo.

Estanquei o sangue, fazendo o primeiro curativo e mandei levá-lo ao Pronto Socorro. Lá chegando, o médico achou um tanto esquisito aquêlê talho e lhe perguntou como conseguira ferir-se daquela maneira. Então Nilton contou-lhe que estava apostando corrida de patinete com o Wilson e a Irmã. O médico estranhou e perguntou-lhe :

— Então, garoto, a Irmã também correu no patinete ?

— Sim Dr., a gente marcamos a partida e como a Irmã tava ganhando eu quis passá na frente dela e errei na direção. O resultado foi êste e eu dou graças a Deus, porque fui eu o machucado, porque a gente gostamos muito dela e se fôsse ela que se machucasse, os meus companheiros me dariam uma surra pior do que o talho...

Às vêzes notava certo espanto no pessoal da casa, mas havia também agora grande amizade e compreensão em todos — menos na porteira.

Um dia fui surpreendida com um presente de uma bola para êles. Depois vieram as balas, doces, roupas, livros de história, etc. Já havia grande simpatia. A Irmã encarregada do cinema passava os filmes para êles às quintas-feiras e domingos e era com prazer que saíam dali imitando Carlitos, o mocinho, etc.

Às vêzes quando estavam com fome chamavam com urgência :

— Irmã, venha cá, a gente queremos falar com a senhora.

Descia apressada e êles diziam :

— Irmã, a gente sonhamos esta noite com a senhora. A senhora estava linda e chamou a gente para passear num parque muito bonito, depois a gente voltamos e a senhora deu prá nós todos, pão com manteiga e a gente se acordamos...

Era interessante vê-los preocupados procurando palavras e meios para demonstrar-me os seus carinhos e afeição.

Ficando acamada durante 15 dias, não pude vê-los e todos os dias vinham saber quando é que eu ia me levantar para atendê-los. Pediam licença para me visitar e mandavam flôres e recados pelas Irmãs.

Quando fiquei boa e descí para lhes falar, senti grande comoção, vendo como eram realmente sinceras as suas saudades e como me abraçavam contentes, perguntando-me se recebera as flôres, os ovos, os santos, etc. Todos falavam ao mesmo tempo e quando passou aquela recepção, Nilton me disse :

— Irmã, a gente já resolvemos uma coisa. Eu agora vou estudar prá

doutor e quando a senhora ficar doente irei tratar da senhora e assim a gente não vamos deixar de vê-la nem um instante...

Quando precisava repreender um dêles, era preciso fazer em particular, porque senão iam castigar o culpado, porque me causára tristeza e diziam :

— Tu me pagas lá fora, seu maroto, tu não sabias que a Irmã disse prá gente num fazê mais isso?...

Faziam questão de serem festejados nos seus aniversários e era cedi-nho que o aniversariante aparecia no Colégio, reclamando o seu presente. Às lvêzes me perguntavam :

— Irmã, quando é que a senhora faz anos? Nós queremos fazer uma festa para a senhora.

Um dia procuraram uma das Irmãs, pedindo-lhe que lhes dissesse o dia do meu aniversário e essa brincando, lhes disse uma data qualquer. Nessa ocasião, apareceram à tarde reunidos, meninos e meninas, cada um com um presente: flôres do mato, santos velhos, desenhos representando o colégio, tampa de lata pintada, caixas velhas, etc. Wilson, desenhista da turma, fêz um bonito retrato da Capela e com umas palavras amigas fêz a entrega do mesmo. Agradei tudo, mostrando-me realmente contente com esta recepção e então cantaram: "Parabens...".

Fiz meus agradecimentos e tive de arranjar os doces, porque sem isso não se conformariam com a festa.

Coloquei as flôres no altar de Nossa Senhora, pedindo-lhe que as aceitasse em nome da "molecada". Quase todos os dias colocavam um raminho de flor ou folhagem do mato, trazidos por êles, aos pés de Nossa Senhora, oferecendo-lhe as suas vidas e pedindo-lhe suas bênçãs carinhosas para todos.

Foi com grande entusiasmo que participamos e planejamos muitas festas. Festas juninas, carnaval, etc.

Por ocasião das festas juninas, reuníamos os meninos para a confecção de balões, roupas de caipira, fogos, etc. Procurava dar-lhes o que pediam para poderem participar das festas do morro. Faziam as "pipas" com muito gôsto e ensinei-lhes a fazer manivelas para a linha. Saíam muitas vêzes contentes com as "pipas", mas pouco depois voltavam pedindo-me para dar um jeito, porque já haviam embaraçado a linha ou um mais perverso havia arreventado a sua "pipa".

Na época do Carnaval, vieram me perguntar :

— Irmã, a gente podemos fantasiar e brincar no carnaval?

Disse-lhes que podiam e como ficaram contentes porque eu havia concordado, combinamos fazer um bloco da turminha. Ficaram animadíssimos

e ensaiavam os pares, escolheram o Wilson e o Wanir para tocar lata, Genevieve para puxar o cordão, etc.

Dei-lhes umas saias velhas das meninas e uns tamancos.

Para mim não havia nada mais solene do que vê-los descer para os ensaios na rua, à noite, cantando e dançando: Você pensa que cachaça é água...

No domingo de carnaval, o bloco desceu fantasiado trazendo um letrado: Bloco dos Malandros.

Disse-lhes para irem muito longe, que brincassem bastante e que ficassem muito tempo na rua, porque assim, ao regressarem, estariam bastante cansados e à noite não teriam coragem para sair novamente e assim não acompanhariam o bloco dos adultos, tão inconveniente para eles.

O plano deu certo, porque muitos não saíram à noite por causa do cansaço da tarde.

Com o contacto diário com a turminha, com as gírias e maneiras de falar, às vezes era surpreendida por companheiras cantando as modinhas do carnaval ou falando "a gente temos", a "gente fomos".

Muitas vezes procurava comer como os meninos — sem etiqueta e isso quando era apanhada em flagrante pela comunidade causava escândalo. Procurava me defender, mas como era mãe de moleques tinha de aceitar as críticas.

Sentia grande desejo de fazer as mesmas coisas que eles e quando lhes dava goiabada, ou outras gulodices, eles comiam dando boas dentadas, sujavam as mãos e lambiam os dedos. Se procurava imitá-los, achava que eles tinham razão: era muito mais gostoso...

Quando saía, era assaltada pela turminha que vinha correndo cumprimentar-me ou contar alguma novidade.

Uma vez, estando no reboque, encontrei-os lá e ao ver-me viraram os bancos sem nenhuma cerimônia, assim indo até à cidade, conversando frente à frente.

Nessas ocasiões, Deus ajudava, porque o condutor sempre era amigo e fazia uma carinha de consentimento e os passageiros achavam ótimo aquilo; alguns procuravam até tomar parte na conversa. Uma vez, estávamos no bonde trocando figurinhas, quando um senhor veio assentar-se ao nosso lado, tendo um maço de figurinhas nas mãos. Pediu licença para tomar parte na conversa e trocar figurinhas. Tornou-se nosso amigo e, nesse dia, a turminha ganhou uma boa merenda com guaraná.

Estando próxima a data marcada para a Primeira Comunhão, fui dizer ao Padre Capelão para examiná-los e que a turminha estava bem pre-

parada. O Padre olhou-me um tanto espantado, dando pouco crédito ao que lhe disse e exclamou :

— Irmã, a senhora está perdendo tempo com esta gente, acho que êsses bichinhos nem alma têm...

— Sim, senhor Padre, é verdade que êles não tinham, mas agora já arranjei umas alminhas para êles e o senhor vai ver como são engraçadinhos, fervorosos e inteligentes.

— Está certo, mas vou ser-lhe franco : se não souberem como eu quero, mando tudo plantar batatas...

Eu tinha certeza de que estavam bem preparados, mas como o Capelão era um tanto exigente, fui depressa pedir ao padroeiro dos moleques para protegê-los e que não deixasse nenhum ser reprovado. Leandro e Wilson salvaram as perguntas mais difíceis e notei que, depois de algum tempo, o Padre já estava contente e puxava as orelhas dos garotos com certo entusiasmo.

— Quem é Deus ? perguntou o Padre.

— Deus é nosso Pai, seu Padre. Deus é um Ser todo poderoso.

— Ainda não estou satisfeito. Digam quem é Deus ?

Então Leandro levantou-se e disse :

— Deus, seu Padre, é tudo que existe. Deus é a eternidade, um ser eterno e grande...

O Padre acabou por contentar-se com as respostas e aprovou com distinção o resto da turma.

O assunto diário agora era sôbre as solenidades da Primeira Comunhão, Confissão, Vestuário, etc. Nossa mãe, dizia um, já comprou o terno. Meu pai tá esperando receber para fazer as compras, replicava outro.

Outros nada diziam, mas tinham certeza de que nada lhes faltaria, porque já me haviam feito os pedidos e eu conseguira arranjar roupas, livros, meias, sapatos, etc., com as boas Irmãs e pessoas conhecidas.

Como preparação, mostrei-lhes a necessidade de aproveitarem os dias fazendo boas ações, sendo mais obedientes e procurando fazer sacrifícios pequeninos para oferecer ao Menino Jesus.

Contavam-me os sacrifícios que faziam e alguns me entregavam bодоques, canivetes, balas, etc., e diziam :

— Toma, Irmã, vou fazer sacrifício do meu bodoque...

— Aqui, Irmã, estas balas, que não vou chupar...

Contavam-me o procedimento dos companheiros na rua, no grupo e quando presenciavam uma falta ou ação, vinham depressa me contar. Diziam-me também cheios de alegria:

— Irmã, nossa mãe tá tão contente comigo ! Nosso pai diz que vem assistir também à Primeira Comunhão e já convidamos a nossa madrinha, tia, etc.

Outros me diziam :

— Minha mãe disse que talvez não possa vir, mas não faz mal, eu venho sozinho. A Irmã já me deu as coisas...

Esses não eram muito queridos das famílias devido aos problemas: lar desfeito, filhos rejeitados, etc.

Na semana da Primeira Comunhão os ensaios foram juntos: crianças do colégio, externato e crianças da vizinhança. Graças a Deus não recebi reclamações e a Irmã encarregada dos ensaios me disse :

— Não pensei que os seus "moleques" fôsem capazes de se comportarem tão bem; estavam compenetrados e atentos aos avisos.

Fizeram o retiro preparatório, passaram o dia no colégio e ouviram com atenção as práticas do pregador. Wilson ficou encarregado dos outros meninos e soube guardá-los. No refeitório sentiam-se felizes, tomando as refeições com uma certa etiqueta.

Às vezes um deles dizia :

— Albano, come direito, tu num tá na sua casa não... a gente tamos no colégio...

Levei-os para se confessarem e aí foi um problema para acalmá-los. Ficaram nervosos, não sabiam como dizer certos pecados ao Padre e a todo instante iam ao ouvido do companheiro e perguntavam :

— Como é que tu vai contar aquêle pecado ? Olha, tu vai primeiro e depois me conta. Num vai dizê o nosso nome. Conta as tuas coisas...

Onaldo mais nervoso me disse :

— Irmã, se o Padre não me entendê, eu posso explicar a meu modo ?

Quando o primeiro acabou de confessar-se, todos o rodearam para saber como foi : se o Padre ficou zangado, entendeu o que êle contou, etc. O menino ficou zangado e com um empurrão — disse :

— Não digo não. Cada um conta ao Padre os seus pecados. O Padre é camarada e êle entende a gente direitinho. E foi cumprir a penitência...

Depois da confissão ficaram calmos, já não discutiam muito e via-se uma grande felicidade invadir-lhes o semblante.

À tardinha, depois de fazer-lhes recomendações oportunas, mandei-os para a casa, a fim de se prepararem : cortar os cabelos, as unhas, asseio completo. Uns me pediram licença para ficar mais um pouco, porque se fôsem muito cedo eram capazes de brigar com os irmãos que certamente iriam provocá-los.

Sentia-me tão feliz que à noite não podia dormir, pensando nos garotos vestidos de branco, compenetrados, fazendo a sua Primeira Comunhão.

Minhas companheiras gostavam de me provocar, dizendo:

— Será que aquêles moleques vão fazer mesmo a Primeira Comunhão? Acho que êles não sabem nem rezar. Vamos ver amanhã. Espero que tomem um banho bem grande...

Respondia convicta: E' claro que sim, vocês vão ver. Os meus molequinhos serão os mais piedosos, os mais bem arrumados e vão ser os anjos mais lindos da capela.

À noite um dêles veio chorando me procurar, dizendo que o alfaiate não havia feito o terno. Fiquei aflita e conseguimos arranjar um outro alfaiate para fazer o terno durante aquela noite tôda. Graças a Deus ficou pronto, embora com uns alinhavos para serem tirados depois.

Pela manhã, o céu estava lindo, a capela tôda branca, enfeitada com lírios e as mesas também enfeitadas de branco.

As crianças chegavam aos poucos, felizes com seus vestidos brancos, símbolo da inocência e pureza de seus pequeninos corações. Procurava aflita os "meus"; descii logo para recebê-los com a devida honra, pois, como havia muitas crianças ricas que também fariam a sua Primeira Comunhão, não queria que êles se sentissem sòzinhos ou humilhados no meio do povo.

Não posso descrever o que senti ao vê-los entrar tão branquinhos e, para falar a verdade, nunca imaginei vê-los tão "chiques" e bem vestidos. As famílias de muitos dêles vieram acompanhar os filhos e me diziam ridentes de alegria:

— Irmã, estamos tão contentes! Nós também fizemos a nossa Primeira Comunhão aqui e é com grande saudade que estamos recordando o nosso tempo...

Depois da comunhão muitos pais choravam e me diziam:

— Irmã, como me sinto cheio de alegria e ao mesmo tempo com um remorso por não haver cumprido tudo que prometi com tanta sinceridade...

A minha turminha era a que mais realçava, assim pensava eu; estavam branquinhos, de cabelos cortados, carinhas lavadas, roupas novas e se eu os achava bonitos nos outros dias, nesse eu os achava lindos...

Era com certo orgulho que mostrava às pessoas os "frutos" do morro.

Êles se sentiam felizes e a todo instante uns diziam:

— Irmã, a gente estamos tão contentes. Nunca a gente sentimos tanta felicidade!

A entrada na capela foi solene. Ia ao lado dêles, orientando-os, atendendo-os nos seus pequenos embaraços e rindo-me de vê-los encantados

com as luvas. Era um tal de tirá-las e colocá-las de novo; de abrir e fechar livros, etc.

Depois da Elevação, levanta-se um deles e olha de um lado e de outro, à minha procura, e vem apressado dizer-me baixinho :

— Irmã, eu se esqueci de conatr a senhora que a minha mãe gastou 3 latas d'água prá me lavá...

Terminada a cerimônia foram tomar café, abraçar os pais, parentes e amigos. Tiraram retratos. Uns pais choravam comovidos, alguns comungaram e outros não compareceram.

À tarde todos vieram procurar-me e cada um trazia uma lembrancinha : um pedaço de bolo, um enfeite, um santinho, etc.

Ofereciam-me tudo alegremente e diziam :

— Irmã, como nós somos felizes, a senhora não pode imaginar que coisa boa a gente estamos sentindo. Rezamos para a senhora e para tôdas as Irmãs.

Então vinham as promessas : Agora a gente vamos mudar de vida, vamos ser mais obedientes, vamos ficar mais ocupados e nada de pedras e bolas na rua. Vamos continuar a vir sempre aqui e a fazer tudo direitinho, conforme a senhora disse.

Eu não sabia dizer se realmente eram êles os mais felizes, porque sentia-me tão feliz e tão agradecida ao bom Deus que tanto me auxiliara nesta tarefa difícil e delicada. Continuei a pedir ao bom Deus que velasse sôbre estas alminhas e que não as desamparasse, guiando-os sempre pelo bom caminho.

Durante a semana houve comunhão diária de quase todos e aos domingos vinham cedo para se confessarem com o Capelão.

Com a falta de convicção dos pais e irmãos, alguns já foram se esfriando, comungando com menos frequência. Outros continuam fiéis à Missa dos domingos, preceito pascal e já são congregados marianos. Já se foram seis anos e muitos estão crescidos, rapazes, e mesmo assim é com grande respeito e amizade que vêm procurar-me ou me cumprimentar, quando nos encontramos pelas ruas. Nilton é o mais fiel e quase diariamente vem ver-me e aos domingos passa as manhãs no colégio. Agora já está rapaz e com o trabalho comprou uma bicicleta. Veio trazê-la para eu ver e como os companheiros queriam dar uma volta, êle foi logo dizendo :

— Nada disso. Primeiro é a Irmã...

Agora, quem passa pela rua X, não encontra mais aquela gritaria de malandros; a bola já não vai de encontro às vidraças e os bодоques tomaram outra direção, deixando as pobres vidraças tranqüilas, sem temor de serem quebradas novamente...

# RELIGIOSOS E RELIGIOSAS

## DENSIDADE E DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL

### 1. Nexo e posição do problema.

O Departamento de Estatística da Conferência dos Religiosos do Brasil iniciou, em 1955, uma série de estudos sobre os religiosos e sua atividade. A primeira apresentação destes estudos revestiu a forma de um artigo. (1) Outros dados se publicaram, sob a forma simplesmente de quadros, sem mais apreciações. (2) Um conjunto sistematizado destas pesquisas, traduzido em gráficos, foi apresentado na Conferência Latino-Americana do Episcopado, numa Exposição de Estatística. Reduzidos às proporções de um album, foram enviados à Secretaria de Estado do Santo Padre, e à Sagrada Congregação dos Religiosos, como se está preparando outro exemplar para a Nunciatura Apostólica e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Muitos destes dados são realmente interessantes e sobretudo úteis, pois nos permitem deliberar, no planejamento de campanhas de apostolado, com perfeito conhecimento da situação ambiente. Se dispuséssemos de mais pessoal, ou se o pessoal de que dispomos dispusesse de mais tempo, com mais frequência teríamos voltado às páginas da Revista. Sabemos, pela correspondência e por apreciações verbais, que o primeiro artigo sobre a matéria foi muito apreciado, chegando até a provocar uma verdadeira cruzada de orações em favor das zonas mais desprovidas de operários evangélicos. Outros artigos publicados em nossa Revista têm levado à manifestação de divergências entre leitores, ou entre estes e os autores, em assuntos por sua natureza suscetíveis de interpretações diversas. Os trabalhos da estatística se traduzem em números, e os números não se contestam. De maneira que seus resultados têm levado somente ao propósito de ação, para se encontrar a solução dos pro-

---

1) Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, N.º 1, Ano I, página 30.

2) Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, N.º 3 página 150 - Sumário da situação dos Religiosos no Brasil. — Idem, N.º 5 — As Paróquias do Brasil, distribuídas pelos Estados e pelo Clero regular e secular. — Idem, N.º 6 — Movimento de vocações, preparando um inquérito.

blemas focalizados. Também isto nos encoraja a prosseguir, embora com sacrifício.

A matéria em estudo no nosso primeiro trabalho era a densidade e distribuição dos Religiosos, tomados em seu conjunto, sem distinguir formas particulares de apostolado, e sem levar em conta uma distinção fundamental, entre o apostolado do religioso sacerdote, e o das religiosas. Focalizava-se o problema em suas linhas mais gerais. E' evidente porém que convém indagar se também os detalhes obedecem à mesma linha de movimento do conjunto. E' idêntica a distribuição dos religiosos e das religiosas? Os religiosos que trabalham em paróquias, em educandários, distribuem-se com a mesma constante, nos Estados do Sul como nos do Norte? Ou no Sul encontramos mais paróquias, em São Paulo mais estabelecimentos de ensino, e no Norte mais trabalho missionário? Obedece à mesma proporção, com relação à população, o número de padres e freiras, por exemplo, no Distrito Federal, no Rio Grande do Sul e no Amazonas? E se a distribuição não é a mesma, quais as razões que determinaram a diferenciação, e quais as suas conseqüências no desenvolvimento do apostolado?

Sem entrar nos pormenores a respeito dos variados ministérios que os religiosos exercem, chamou-nos logo a atenção, no manuseio dos dados numéricos, a distribuição diversa dos religiosos e das religiosas. O que inevitavelmente traz diferenciações na vida cristã das populações atendidas. No ministério do sacerdote, de instituição divina, absolutamente indispensável para a distribuição dos benefícios da Redenção, nos sacramentos, há um aspecto de necessidade impreterível para a vida cristã da população. Sua ausência é muito mais preocupante. O apostolado das religiosas, suprindo muitas vezes, enquanto lhe é possível, ou complementando o ministério dos sacerdotes, não traz esta característica. Refletindo sobre estes e outros aspectos do problema, decidimo-nos a redigir estas considerações, levantadas sobre os cálculos fornecidos pelo Departamento de Estatística.

## 2. Método do trabalho e apresentação dos dados.

O método científico da presente pesquisa obedeceu às mesmas regras do nosso primeiro estudo, e nos servimos, para os cálculos, dos mesmos processos e das mesmas fórmulas. Nem poderia ser diversamente, uma vez que o objeto do presente estudo é, substancialmente, o mesmo do anterior, e a finalidade é idêntica. Apenas o campo focalizado é acidentalmente diverso. Não mais os religiosos em todo o seu amplo conjunto, mas um detalhe isolado: os religiosos, e as religiosas.

## RELIGIOSOS

Sua distribuição e densidade, pelas várias Unidades da Federação, encontra-se da seguinte maneira :

Estados	População	N.º Religiosos	N.º de hab. para 1 religioso
<b>REGIAO NORTE</b>			
Guaporé .....	47.566	13	3.658
Acre .....	135.535	4	33.883
Amazonas .....	561.787	31	18.122
Rio Branco .....	21.766	—	—
Pará .....	1.228.839	61	20.144
Amapá .....	48.269	—	—
<b>REGIAO NORDESTE</b>			
Maranhão .....	1.773.746	84	21.116
Piauí .....	1.170.323	—	—
Ceará .....	3.027.569	171	17.705
Rio Grande do Norte..	1.076.011	49	22.020
Paraíba .....	1.865.591	37	50.421
Pernambuco .....	3.778.710	258	14.646
Alagôas .....	1.164.919	26	44.804
Fernando Noronha	581	—	—
<b>REGIAO LESTE</b>			
Sergipe .....	697.254	8	87.156
Bahia .....	5.322.689	237	22.457
Minas Gerais .....	8.229.389	851	9.670
Espírito Santo .....	917.950	50	18.359
Rio de Janeiro .....	2.537.796	316	8.031
Distrito Federal .....	2.725.274	401	6.796
<b>REGIAO SUL</b>			
São Paulo .....	10.204.374	2.012	5.071
Paraná .....	2.730.866	466	5.860
Santa Catarina .....	1.774.565	298	5.954
Rio Grande do Sul .....	4.619.685	1.689	2.735
<b>REGIAO CENTRO OESTE</b>			
Mato Grosso .....	576.154	141	4.086
Goiás .....	1.449.213	87	16.657
	<hr/>	<hr/>	
	57.686.421	7.290	

Aplicando a fórmula para determinar a correlação entre habitantes e religiosos, para conhecer a densidade destes em relação àqueles, temos o se-

guinte cálculo :

$$\rho = \frac{682.931.794}{\sqrt{3.990.940.210} \sqrt{1.649.969.40}} = 0,84$$

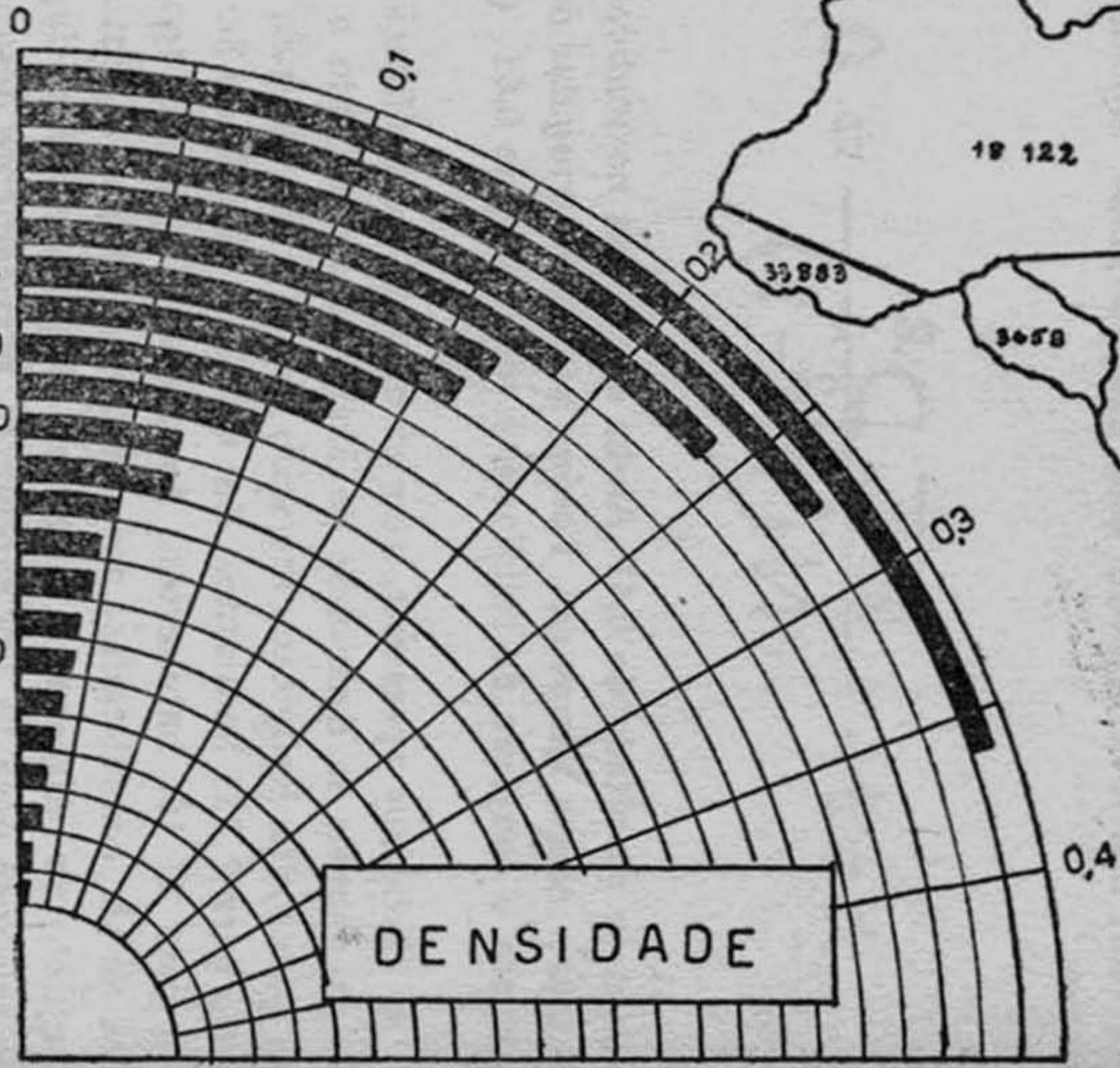
que nos leva ao resultado 0,841. Nada de novo neste pormenor. Para os religiosos e religiosas em conjunto, a densidade constatada é de 0,87 situando-se portanto dentro do normal, do ponto de vista estatístico, por se colocar entre mais um e menos um. E o teor de densidade se mantém o mesmo, para os Religiosos como para o conjunto.

Dispondo as várias unidades da Federação pela ordem de densidade, estabelecemos o seguinte quadro :

Ordem dos Estados pela população, em números absolutos	Ordem dos Estados pelos Religiosos, em números absolutos	Ordem dos Estados pela densidade
1 — São Paulo	1 — São Paulo	1 — Rio Grande do Sul
2 — Minas Gerais	2 — Rio Grande do Sul	2 — Guaporé
3 — Bahia	3 — Minas Gerais	3 — Mato Grosso
4 — Rio Grande do Sul	4 — Distrito Federal	4 — São Paulo
5 — Pernambuco	5 — Paraná	5 — Paraná
6 — Ceará	6 — Rio de Janeiro	6 — Santa Catarina
7 — Paraná	7 — Santa Catarina	7 — Distrito Federal
8 — Distrito Federal	8 — Pernambuco	8 — Rio de Janeiro
9 — Rio de Janeiro	9 — Bahia	9 — Minas Gerais
10 — Paraíba	10 — Ceará	10 — Pernambuco
11 — Santa Catarina	11 — Mato Grosso	11 — Goiás
12 — Maranhão	12 — Goiás	12 — Ceará
13 — Goiás	13 — Maranhão	13 — Amazonas
14 — Pará	14 — Pará	14 — Espírito Santo
15 — Piauí	15 — Espírito Santo	15 — Pará
16 — Alagoas	16 — Rio G. do Norte	16 — Maranhão
17 — Rio G. do Norte	17 — Paraíba	17 — Rio G. do Norte
18 — Espírito Santo	18 — Amazonas	18 — Bahia
19 — Sergipe	19 — Alagoas	19 — Acre
20 — Mato Grosso	20 — Guaporé	20 — Alagoas
21 — Amazonas	21 — Sergipe	21 — Paraíba
22 — Acre	22 — Acre	22 — Sergipe
23 — Amapá	23 — ...	23 — ...
24 — Guaporé	24 — ...	24 — ...
25 — Rio Branco	25 — ...	25 — ...
26 — Fernando Noronha	26 — ...	26 — ...

# RELIGIOSOS DISTRIBUIDOS NAS DIVERSAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

- R. G. SUL
- GUAPORÉ
- M. GROSSO
- S. PAULO
- PARANÁ
- S. CATARINA
- D. FEDERAL
- R. JANEIRO
- M. GERAIS
- PERNAMBUCO
- GOIÁS
- CEARÁ
- AMAZONAS
- E. SANTO
- PARÁ
- MARANHÃO
- R. G. NORTE
- BAHIA
- ACRE
- ALAGOAS
- PARAIBA
- SERGIPE



Nº DE  
HABITANTES PARA  
UM RELIGIOSO

Se a distribuição dos Religiosos fôsse perfeitamente equilibrada entre as várias Unidades da Federação, não encontraríamos discrepância na ordem destas três colunas. São Paulo, primeiro em população, deveria ser também o primeiro em número absoluto de religiosos, e o primeiro em densidade. Isto entretanto não se verifica. Minas Gerais, segundo em população, é o terceiro em número absoluto de religiosos, e o nono em densidade. Mais irregular a situação do Território do Guaporé, 24.º em população, 20.º em número de religiosos, e 2.º em densidade. De parabens Suas Excias. Revmas. os senhores Prelados de Porto Velho e Guajará-Mirim, por disporem assim, relativamente, do maior número de religiosos em todo o Brasil, levando-lhes a dianteira sòmente o Estado do Rio Grande do Sul.

Este procedimento irregular das mesmas Unidades, que se comportam diferentemente com relação a elementos que idealmente deveriam ser do mesmo teor, nos leva a medir esta irregularidade. Aplicando a fórmula de Spermann,

$$\lambda = 1 - \frac{6 \sum D^2}{N(N^2 - 1)} = 0,45$$

chegamos ao resultado de 0,45. Ainda dentro da normalidade, por se ter situado entre mais e menos um. Porém, bem mais irregular do que o resultado obtido para o conjunto de religiosos e religiosas, de 0,85. (1).

O cliché nos apresenta, num só quadro, a classificação das várias Unidades em função da densidade de Religiosos, e ao lado o número de habitantes para cada Religioso. Primeiro lugar o Rio Grande do Sul, com um religioso para 2.735 habitantes. Em último o Estado de Sergipe, com um religioso para 87.156 habitantes. As unidades que não aparecem no quadro deixam de ser consideradas, por não termos dados. O Estado do Piauí, que no conjunto de religiosos e religiosas ocupava o último lugar, com um elemento religioso para 13.149 habitantes, praticamente desapareceu do quadro exclusivo dos religiosos, tão inexpressivo é o número de casas religiosas masculinas presentes.

(1) Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, Ano 1.º, N.º 1, página 30.

# RELIGIOSAS

Distribuem-se de acôrdo com o seguinte quadro:

Estados	População	N.º Religiosas	N.º habt. para 1 religiosa
<b>REGIAO NORTE</b>			
Guaporé .....	47.566	—	—
Acre .....	135.535	27	5.019
Amazonas .....	561.787	233	2.411
Rio Branco .....	21.766	—	—
Pará .....	1.228.839	305	4.028
Amapá .....	48.269	—	—
<b>REGIAO NORDESTE</b>			
Maranhão .....	1.773.746	128	13.857
Piauí .....	1.170.323	89	13.149
Ceará .....	3.027.569	537	5.637
Rio Grande do Norte..	1.076.011	97	11.092
Paraíba .....	1.865.591	298	6.260
Pernambuco .....	3.778.710	1.243	3.040
Alagôas .....	1.164.919	118	9.872
Fernando Noronha	581	—	—
<b>REGIAO LESTE</b>			
Sergipe .....	697.254	102	6.835
Bahia .....	5.322.689	532	10.005
Minas Gerais .....	8.229.389	2.487	3.308
Espírito Santo .....	917.950	41	22.389
Rio de Janeiro .....	2.537.796	731	3.471
Distrito Federal .....	2.725.274	2.185	1.247
<b>REGIAO SUL</b>			
São Paulo .....	10.204.374	5.005	2.038
Paraná .....	2.730.866	1.045	2.613
Santa Catarina .....	1.774.565	1.069	1.660
Rio Grande do Sul .....	4.619.685	3.503	1.318
<b>REGIAO CENTRO OESTE</b>			
Mato Grosso .....	576.154	149	3.866
Goiás .....	1.449.213	155	9.349
	<hr/>	<hr/>	
	57.686.421	20.079	

Para estabelecer a correlação entre população e religiosas, temos :

$$\rho = \frac{1740594698}{\sqrt{3990940210} \sqrt{987756097}} = 0,87$$

cujo resultado, 0,87 é precisamente o índice geral de densidade, para o conjunto, religiosos e religiosas. Também aqui nada de novo. Apenas uma consideração que logo salta aos olhos: calculando-se a densidade do conjunto, chegamos ao índice 0,872; dos religiosos em separado, 0,841; das religiosas, 0,876. Conclusão: em todo o Brasil, no conjunto como nos detalhes, a densidade guarda as mesmas proporções. Quer dizer que é o mesmo, relativamente, o aumento de vocações para sacerdotes e para irmãs. O trabalho de uns e de outras se desenvolve em proporções iguais, colocando-se como ponto de referência a população. São 10.000 os religiosos, e 26.000 as religiosas. Tão diversos os números absolutos, e tão aproximado o índice de densidade. Conclusão : no trabalho pelas vocações, não há que intensificar mais a campanha para um ou outro ramo, mas continuar desenvolvendo os dois, harmoniosamente.

A não ser que apreciemos o fenômeno debaixo de outro ponto de vista, que nos parece o mais razoável, segundo os preceitos da estatística. A variável independente é grande demais com relação às duas variáveis dependentes consideradas, do que resulta uma diferença inexpressiva. Quer consideremos os religiosos — 10.000 — quer as religiosas, — 26.000 — com relação aos 57.000.000 de habitantes, o índice de densidade constatado é praticamente o mesmo, 0,87, ou 0,84. Que diferença acusaria o paladar, se provasse uma gota de vinho diluído num copo ou num jarro de água?

Dispondo as várias Unidades da Federação, partindo da variável independente que é a população, temos o seguinte quadro:

Ordem dos Estados pela população, em números absolutos	Ordem dos Estados pelas Religiosas, em números absolutos	Ordem dos Estados pela densidade
1 — São Paulo	1 — São Paulo	1 — Distrito Federal
2 — Minas Gerais	2 — Rio G. do Sul	2 — Rio Grande do Sul
3 — Bahia	3 — Minas Gerais	3 — Santa Catarina
4 — Rio G. do Sul	4 — Distrito Federal	4 — São Paulo
5 — Pernambuco	5 — Pernambuco	5 — Amazonas
6 — Ceará	6 — Santa Catarina	6 — Paraná
7 — Paraná	7 — Paraná	7 — Pernambuco
8 — Distrito Federal	8 — Rio de Janeiro	8 — Minas Gerais
9 — Rio de Janeiro	9 — Ceará	9 — Rio de Janeiro
10 — Paraíba	10 — Bahia	10 — Mato Grosso
11 — Santa Catarina	11 — Pará	11 — Pará
12 — Maranhão	12 — Paraíba	12 — Acre
13 — Goiás	13 — Amazonas	13 — Ceará
14 — Pará	14 — Goiás	14 — Paraíba
15 — Piauí	15 — Mato Grosso	15 — Sergipe
16 — Alagôas	16 — Maranhão	16 — Goiás
17 — Rio G. do Norte	17 — Alagôas	17 — Alagôas
18 — Espírito Santo	18 — Sergipe	18 — Bahia
19 — Sergipe	19 — Rio G. do Norte	19 — Rio G. do Norte
20 — Mato Grosso	20 — Piauí	20 — Piauí
21 — Amazonas	21 — Espírito Santo	21 — Maranhão
22 — Acre	22 — Acre	22 — Espírito Santo
23 — Amapá	23 — ...	23 — ...
24 — Guaporé	24 — ...	24 — ...
25 — Rio Branco	25 — ...	25 — ...
26 — Fernando Noronha	26 — ...	26 — ...

Aplicando a fórmula de Sperman,

$$r = 1 - \frac{6 \sum D^2}{N(N^2 - 1)} = 0,50$$

temos, para as religiosas, o resultado 0,50, quase idêntico ao resultado para os religiosos. Sinal de que a irregularidade de colocação pela ordem de densidade, dos vários Estados, menos forte no conjunto, é muito mais acentuada quando consideramos em separado os dois ramos.

Em clichê, também unindo a demonstração de colocação das Unidades pela densidade de religiosas, com a indicação do número de habitantes para cada religiosa, vemos que o Distrito Federal ocupa o primeiro lugar, com uma religiosa para 1.247 habitantes, e o último, o Estado do Espírito Santo, com uma religiosa para 22.389 habitantes. E' de se desejar que as religiosas se desenvolvam mais nêste Estado.

### 3. Análise dos resultados.

Naturalmente somos levados, nesta apreciação, a comparações.

Em densidade, o Rio Grande do Sul é o privilegiado, ocupando o primeiro lugar, tanto no conjunto como no ramo dos religiosos. Trocou de lugar com o Distrito Federal, no ramo das religiosas. Espírito Santo, último colocado para as religiosas, penultimo no conjunto, é o 14.º para os Religiosos. Sinal de maior número de clero.

Merece reparo a situação das unidades onde predomina o trabalho missionário. Amazonas e Mato Grosso, sempre juntos no quadro de densidade e número absoluto, no conjunto, e bem distanciados na separação dos dois ramos. Em densidade de religiosos, Mato Grosso ocupa o terceiro lugar, Amazonas o 13.º. Em número de religiosas, Amazonas ocupa o 5.º lugar, Mato Grosso o 10.º Situação invertida portanto. Relativamente, há mais sacerdotes no Mato Grosso que no Amazonas, vice-versa para as Religiosas. Que fatores explicariam esta maior concentração de religiosas no Amazonas?

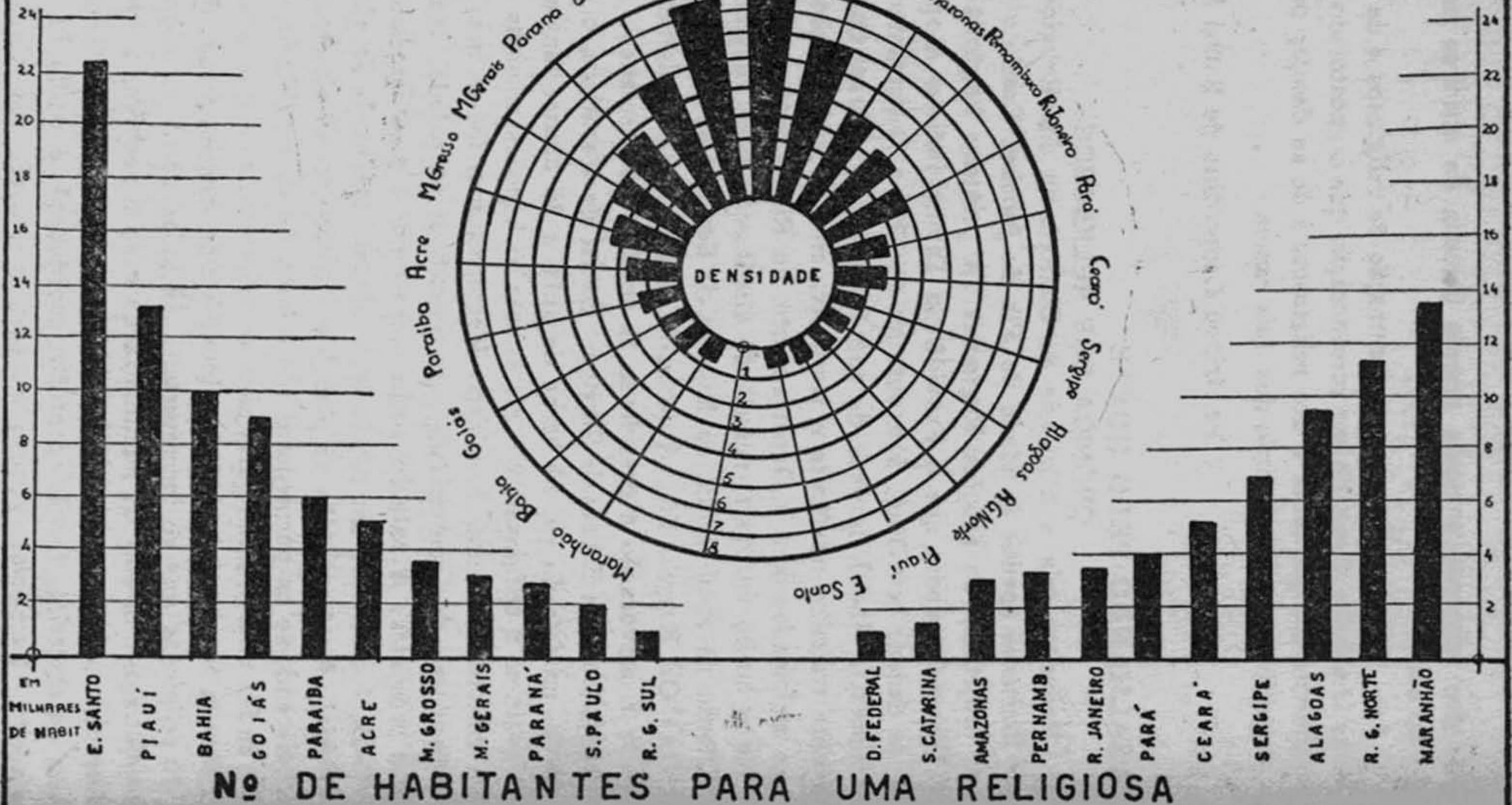
O Estado do Rio de Janeiro sobreleva os demais, na constância com que mantém a mesma posição, em todas as classificações. E' o 9.º em número absoluto de população, 8.º em número absoluto de religiosos em conjunto, 8.º em densidade; 6.º em número absoluto de religiosos, ramo masculino, 8.º em densidade dos mesmos; 8.º e 9.º lugar para as religiosas. E' a Unidade Federada que apresenta a constante mais regular, sob todos os aspectos de distribuição e densidade.

E deixamos à ponderação do leitor outras referencias e comparações.

### 4. Conclusão

1 — O fenômeno da densidade e distribuição dos religiosos, considerado no conjunto como em separado, para congregações masculinas e femininas, se revela, com pequenas irregularidades, dentro da normalidade da correlação estatística. Uma comparação entre a nossa situação, e a situação de outros países, nos fará medir, oportunamente, traduzida na expressão

# RELIGIOSAS DISTRIBUIDAS NAS DIVERSAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO



severa dos números, a nossa grande penuria de obreiros para cultivar a vinha do Senhor.

2 — Não é uniforme a concentração de religiosos e de religiosas, em todas as Unidades. Levando em consideração que o apostolado das religiosas normalmente complementa o dos religiosos, é de se desejar perfeita harmonia e equilíbrio na distribuição dos dois ramos.

Pe. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B.



## TRABALHANDO PELO NORTE

### CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Pequena seria a atividade da Conferência dos Religiosos do Brasil, se se limitasse apenas à cidade do Rio de Janeiro. Desde a sua fundação, foram projetadas as Secções Regionais. A primeira funciona em Salvador. E a Diretoria espera que a Providência Divina indique a oportunidade de criar as demais previstas. Em outubro de 1955 o Departamento de Serviço e Assistência Social, através de sua Diretora, D. Araci Cardoso, realizou relevante trabalho no Norte e Nordeste, criando secções próprias, devidamente articuladas com o Departamento, no Rio, e promovendo, de maneira prática e muito frutuosa, cursos de atualização para religiosas.

Ponto de apoio foram as Escolas de Serviço Social, dirigidas por Religiosas. Os Exmos. Srs. Arcebispos e Bispos prestigiaram a iniciativa, fazendo a convocação e presidindo as sessões mais solenes. A 5 de Outubro principiou, na Escola de Serviço Social de Fortaleza, o Curso de Supervisão, ministrado em 20 horas de aula, a 36 alunas, entre as quais encontravam-se 8 religiosas. No dia 6, com as bênçãos efusivas do Exmo. Sr. Dom Antonio Lustosa, Arcebispo Metropolitano, fêz-se uma reunião para as Superiores das comunidade que trabalham na cidade. Mais de 50 religiosas presentes. A palestra tinha como tema a organização e atividade da C. R. B., focalizando em particular o Departamento de Serviço e Assistência Social. Nesta reunião se planejou o curso de Administração de Obras, estabelecendo-se os pormenores sôbre hora, local, certificado, taxas, etc. No dia 9 se fêz uma reunião geral para as religiosas, com a presença de mais de 70. No dia 10 principiou o curso intensivo de Administração de Obras, para as 70 religiosas que se inscreveram. As aulas versaram sôbre obra social, administração, tarefas da administração e seus padrões, o mais importante numa obra social que principia a funcionar, o problema do pessoal, o problema do material, direção, contrôle, coordenação e avaliação, administração financeira. Particular atenção mereceu a situação das obras em que trabalham religiosos e leigos. As aulas foram mimeografadas pelas Irmãs Ca-

puchinhas, para serem enviadas às casas do interior. O curso se encerrou no dia 15 de Outubro, tendo o Exmo. Sr. Arcebispo distribuído 73 certificados. S. Excia. Revma. teve palavras de aplauso e apoio ao trabalho realizado pela C. R. B. em sua Arquidiocese. Nesta sessão fundou-se a secção regional do D.A.S.S., elegendo-se a primeira Diretoria, na qual estão representadas seis famílias religiosas diversas.

Depois da sessão solene, a Diretoria realizou a sua primeira sessão ordinária, para programar as primeiras atividades. "Quantas coisas poderemos fazer unidas, que não poderíamos fazer sòzinhas", foi o tema da alocução da Diretora do Departamento, justificando a sua fundação.

De Fortaleza, a mesma atividade se deslocou para São Luiz do Maranhão. Reunião geral das religiosas, convocada pelo Sr. Arcebispo, com a presença de 50 irmãs. No encontro com as Superiores, deliberou-se sobre a criação do Departamento em São Luiz, escolhendo-se a sua primeira diretoria. A reunião mensal das religiosas foi por tôdas recebida com alegria, como meio de resolver várias das dificuldades que encontram atualmente no desenvolvimento de seus apostolados. Várias providências foram logo tomadas, para melhorar a assistência espiritual às Religiosas, e proporcionar-lhes mais abundante material de formação e govêrno.

Em João Pessoa, como nas outras duas capitais, o trabalho do Departamento principiou por uma visita a S. Excia. Revma. o Sr. Dom Manuel Pereira da Costa, Bispo Auxiliar, que já havia convocado as religiosas para as reuniões projetadas. 25 estiveram presentes ao encontro do dia 21, para as Superiores, e mais de 50 no dia seguinte, na reunião geral. No dia 23, uma conferência sobre a administração das obras das religiosas, seguida logo após pela escolha da primeira diretoria do Departamento, com a presença do Sr. Bispo Auxiliar.

De passagem por Recife, Da. Arací Cardoso visitou S. Excia. Revma. o Sr. Arcebispo, que manifestou vivo interêsse e desejo de que semelhante trabalho se fizesse também na sua Arquidiocese. Estabeleceram-se os planos, que serão realizados oportunamente.

O mesmo trabalho se realizou em Aracaju, nos dias 25 e 26 de outubro.

As notícias que continuam chegando à Conferência, ao mesmo tempo que traduzem a satisfação de tôdas as que participaram dêstes cursos e conferências, deixam entrever que o trabalho iniciado será duradouro e eficiente. Com o êxito alcançado em Salvador, em fevereiro de 1955, esta segunda etapa, pelas capitais do Norte e Nordeste, está a nos indicar que, na organização local, pelas várias regiões do país, está o fundamento sólido para o grande movimento de atualização que se vem desenvolvendo com ritmo regular, desde o I Congresso dos Religiosos do Brasil.

## SANTOS FUNDADORES CELEBRADOS NO MÊS DE JANEIRO

29-1 — São Francisco de Sales. Nasceu em Thorens, na Saboia, em 1567. Ordenou-se sacerdote em 1593. Um de seus primeiros empreendimentos apostólicos foi a conversão do Chablais. Em 1602 foi feito Bispo de Genebra. Em 1610 fundou, com Santa Joana de Chantal, a Ordem da Visitação. Morreu em 1622, em Lião. Canonizado em 1665, declarado Doutor da Igreja em 1877, e patrono da Imprensa Católica, em 1923.

“Madalena não é mais conhecida pela abundância de suas lágrimas, Tereza pelos seus extases, Francisco de Assis pelo seu amor à pobreza, do que Francisco de Sales pela sua doçura”

Pe. Chaignon S. I.

31-1 — São João Bosco. Nasceu em Becchi, no Piemonte, a 16 de Agosto de 1815. Ordenado sacerdote em Turim, em 1841, começando no mesmo ano, a 8 de Dezembro, a obra dos oratórios festivos. De 1845 a 1852 se dedica à fundação dos Salesianos, cujas regras foram definitivamente aprovadas em 3 de Abril de 1874. Em 1872 funda o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. O terceiro ramo de suas obras, a Cooperação Salesiana, tomou forma definida em 1875. Morreu em Turim, a 31 de janeiro de 1888. Canonizado em 1934, na Pascoa do Ano Santo.

“Este homem tão santo, nem parecia assustado pelas ameaças, nem fatigado pelos trabalhos, nem oprimido pelos cuidados, nem perturbado pelas adversidades, porque seu olhar estava sempre fixo em Deus” (Breviário).

O amor educativo foi a sua grande virtude. A juventude, sua paixão. Razão, religião e carinho, os alicerces de seu admirável sistema preventivo.